

Medicina

Dissectioes

~~1857~~

1858-64

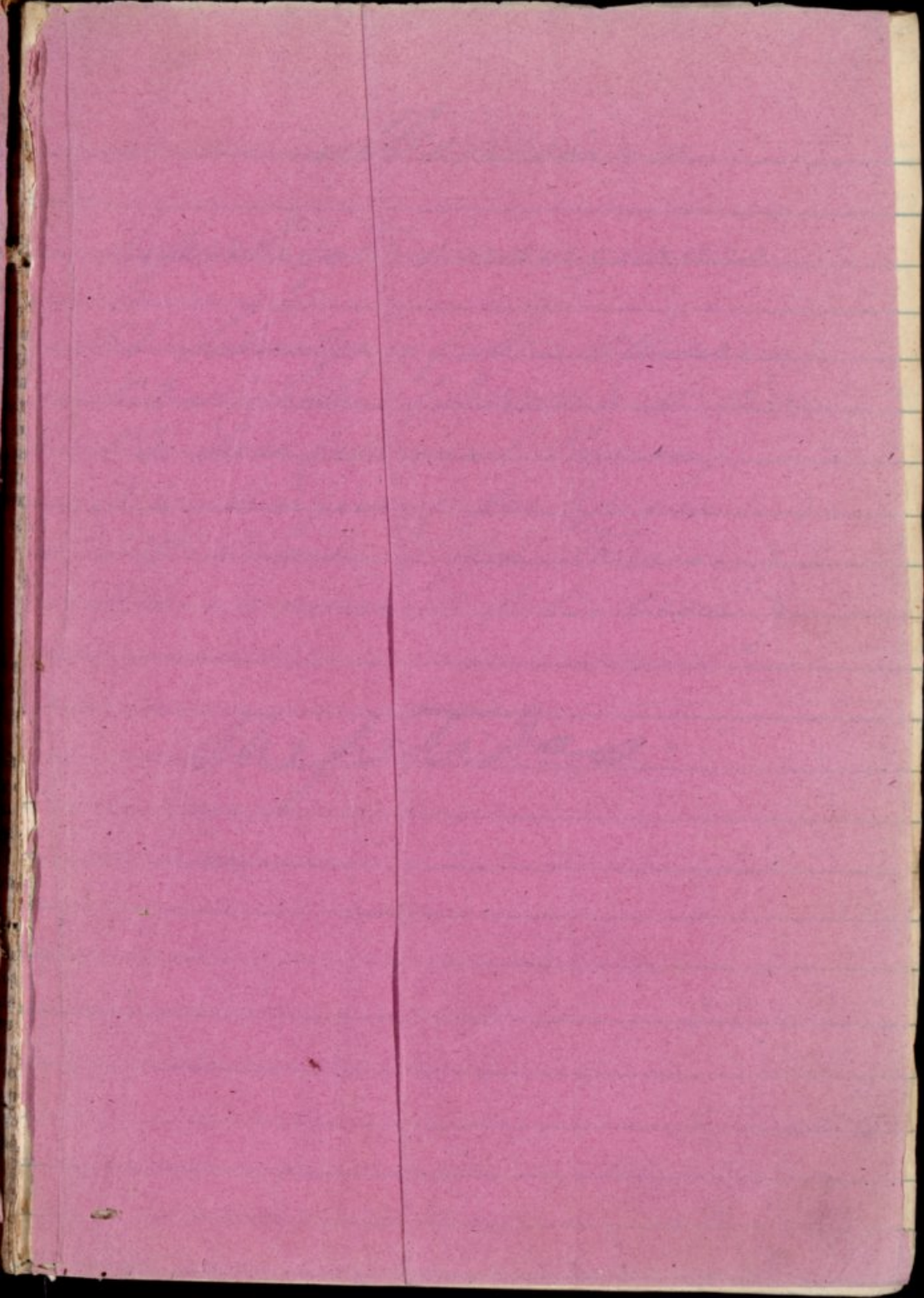
Sala 5
Gab. —
Est. 56
Tab. 7
N.º 5



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Biblioteca Geral



1301500889





DISSERTAÇÃO INAUGURAL

PARA O ACTO

CONCLUSÕES MAGNAS

DISSERTAÇÃO INAUGURAL



b24531868

DISSERTAÇÃO INICIAL

1910

DE

CONCLUSÕES MAGNAS

DE

DISSERTAÇÃO INICIAL

DE

João Romão de Sampaio Machado



COMISSÃO

Examinadora

1910

N.º

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

PARA O ACTO

DE

CONCLUSÕES MAGNAS

NA

FACULDADE DE MEDICINA

POR

Julio Cesar de Sande Sacadura Botte



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1864

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

FACULDADE DE MEDICINA

CONCLUSÕES MAGNÂS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Si nous hasardons une explication, nous déclarons
à l'avance que nous la sacrifions à toute autre, qui
nous semblera plus conforme à l'observation des faits.

TROUSSEAU.



COIMBRA

IMPRIMTA DA FACULDADE

1881

À

ILLUSTRADA

FACULDADE DE MEDICINA

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

EM

TESTIMUNHO

DE

GRATIDÃO E RESPEITO

0.

Julio Cesar de Sande Sacadura Botte

UNIVERSIDADE

FACULDADE DE MEDICINA

DE

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ACADEMIA

Como obra e resumo das palestras proferidas
em 1908 na Faculdade de Medicina de Coimbra
háve-se aqui um medicamento que possui
com vantagens no tratamento das mesmas moléstias

GRATIDÃO E RESPEITO

II

ARGUMENTO

INTRODUÇÃO

Como obra o mercurio nas molestias syphiliticas?

Haverá algum medicamento que possa substituil-o com vantagem no tractamento das mesmas molestias?

TRATADO DE MEDICINA

ARGUMENTO
INTRODUÇÃO

Como obra de medicina nas moléstias syphiliticas

Haverá algum medicamento que possa substituir o
com vantagem no tratamento das mesmas moléstias?

O organismo que no estado normal é modificado pelo
agentes pharmacologicos, não podia ser indifferente á
influencia d'estes, no caso de moléstia. A transmissão é uma
a transmissão é a experiencia e cada passo consequente
também aproveitada nos diversos estados pathologicos, e
influencia pôde revelar uma directio especial, por exemplo
que elle se denomina hereditaria, e consequente a
esta natureza hereditaria, consistem a se se hereditaria nos
medicamentos.

Utilizando-se no homem doente os agentes de natureza
medica, poderá haver sufficientes estudos, e de modo
completos, para se determinar a sua influencia
e assim a comprehensao de todos os que se applicam á
dos pharmacos dos medicamentos, e de natureza...

INTRODUCCÃO

O organismo, que no estado normal é modificado pelos agentes pharmacologicos, não podia ser indifferente á influencia d'estes, no caso de molestia. A razão prevê o que a observação e a experiencia a cada passo confirmam.

Bem aproveitada nos diversos estados pathologicos, essa influencia pôde revelar ume direcção curativa, por effeitos que então se denominam therapeuticos, e, considerados, na sua maior generalidade, constituem a acção therapeutica dos medicamentos.

Utilizando-se no homem doente os agentes da materia medica, poderia parecer sufficiente estudar 'nelle os medicamentos, para bem se determinarem seus effeitos curativos. Assim o conceberam os antigos, que, desprezando os effeitos physiologicos dos medicamentos, so attendiam aos eu-

rativos ou secundarios, os quaes exclusivamente se empenhavam em conhecer.

Os seus principios ácerca da pathogenia justificam isto, em parte.

Dirigido ao acaso, este estudo devia naturalmente conduzir a uma therapeutica toda empirica, porque d'elle so resulta saber-se, que um medicamento aproveita num determinado estado morbido; e, no entanto, outra não foi a origem para um grande número de medicamentos.

Com a distincção entre effeitos physiologicos e therapeuticos, conforme têm logar no individuo são, ou se verificam em estados morbidos da economia, muito lucrou a therapeutica, para a qual desde então se abriu um horizonte mais brilhante.

Os novos principios hoje professados em pathogenia estavam indicando a importancia dos effeitos physiologicos na evolução dos curativos ou secundarios, os quaes geralmente se suppõe derivarem dos primeiros. A evidencia d'esta relação, e o que a seu respeito se tem escripto, dispensam-nos de expor os muitos fundamentos, que podiam adduzir-se em abono d'um principio, que so em mui limitado número de casos ainda não parece ter uma confirmação cabal. Aqui, porém, a falta de relação entre as duas ordens de effeitos pôde apenas ser apparente, e depender de não conhecermos bem a natureza das molestias a que se applicam os medicamentos, ou o verdadeiro modo de acção d'estes agentes.

Por isso, se no estado presente da sciencia, alevantar aquella asserção em principio absoluto é ultrapassar os limites da observação, digamos ao menos com o sr. B. A. Go-

mes que «um dia virá talvez em que esta acção physiologica das substancias, apreciada em seus phenomenos intimos de modo mais extenso, e a pathogenese da doença tambem mais bem conhecida, permittirão achar aquella relação, que hoje nos escapa.»

A apreciação, pois, da acção physiologica dos medicamentos pôde levar ao conhecimento de suas virtudes therapeuticas; e, effectivamente, ella foi para muitos d'elles a origem de descoberta tão importante.

Reconhecida a estreita relação entre os efeitos physiologicos e therapeuticos dos agentes pharmacologicos, fica evidente a necessidade de nos elevarmos á apreciação das modificações organicas e funcçionaes, por elles operadas no organismo, para se determinar o mechanismo de sua acção curativa.

Porém o mais exacto conhecimento dos efeitos physiologicos dos medicamentos não permittiria, que se descortinasse o processo de sua acção therapeutica, sem se ter prévia ideia da natureza das molestias em que aproveitam.

Com estes dois elementos sabemos filiar nos efeitos physiologicos dos adstringentes seus efeitos curativos nas hemorragias traumaticas e por exhalção, nas congestões activas em principio, e nas que têm character passivo, e em certas supersecreções do apparelho digestivo e pulmonar. Do mesmo modo se deduzem os efeitos curativos, que se obtem do emprêgo dos temperantes nos estados febris e inflammatorios, e os dos tonicos, nas molestias caracterisadas pelo abatimento de forças.

Que ideia poderíamos formar da acção curativa de taes

agentes, se ignorassemos as principaes condições morbidas, que presidem ás molestias que elles combatem? Similhan-
tamente poderíamos raciocinar a respeito de todas as mo-
lestias e differentes medicações.

Determinar, pois, a acção physiologica dos medicamen-
tos, a fim de antever suas virtudes therapeuticas, e poder
avaliar seu modo de operar em molestias de natureza co-
checida, é seguir a direcção que a sciencia reclama de nós,
e assentar o mais solido fundamento d'uma therapeutica
racional.

Ésta intima dependencia em que a pharmacodynamia
está para com a physiologia, e a impossibilidade de julgar-
mos precisamente a acção curativa dos medicamentos, sem
atenção á natureza das molestias, devia naturalmente dar
logar a diversas interpretações sôbre a acção medicamen-
tosa, as quaes não podiam deixar de acompanhar as dou-
trinas médicas nas suas continuas oscillações. A historia da
pharmacologia demonstra-o cabalmente.

Estudar a acção physiologica dos medicamentos, sem
preconceito de systema, e attendêr devidamente á natureza
das molestias que elles curam ou melhoram, a fim de pro-
gredir na resolução do interessante problema do mecha-
nismo da acção therapeutica, deve ser todo o empenho do
pharmacologista. Neste sentido seguirão os nossos esforços
na presente questão.

Terminaremos aqui ésta breve introduccão, em que in-
tentámos dar a razão do programma que nos pareceu con-
veniente adoptar, na resposta á primeira parte do objecto,
que nos foi dado para dissertar.

A apreciação da natureza das molestias syphiliticas, e a determinação dos effeitos physiologicos do mercurio, não podiam deixar de preceder a discussão sôbre o modo de operar d'este agente na cura das mesmas molestias. Nisto interessa igualmente a resolução da segunda parte d'esta dissertação.

A primeira das causas das moléstias epidêmicas é a
determinação dos efeitos physiologicos do murchio na
dormida devida de proceder a discussão sobre o modo de que
tar d'esto agente na cura das moléstias. Não in-
teressa unicamente a resolução de se trata de moléstia
distinta.

CONSIDERAÇÕES

sem de moléstias devesse a suposição a rigor de, ficando
contingente sobre a natureza da moléstia e a natureza
da causa.

Sobre as

moléstias epidêmicas devesse a suposição a rigor de, ficando

MOLÉSTIAS EPIDÊMICAS

moléstias epidêmicas devesse a suposição a rigor de, ficando
contingente sobre a natureza da moléstia e a natureza
da causa.

As moléstias epidêmicas devesse a suposição a rigor de, ficando

moléstias epidêmicas devesse a suposição a rigor de, ficando

moléstias epidêmicas devesse a suposição a rigor de, ficando

moléstias epidêmicas devesse a suposição a rigor de, ficando

moléstias epidêmicas devesse a suposição a rigor de, ficando

moléstias epidêmicas devesse a suposição a rigor de, ficando

moléstias epidêmicas devesse a suposição a rigor de, ficando

moléstias epidêmicas devesse a suposição a rigor de, ficando

moléstias epidêmicas devesse a suposição a rigor de, ficando

CONSIDERAÇÕES

SÔBRE AS

MOLESTIAS SYPHILITICAS

As expressões — *molestias syphiliticas* e *molestias venereas* — são muitas vezes empregadas indifferentemente para designar um grupo de molestias, que têm de commum o serem contagiosas, terem por principal séde os órgãos gēnitaes, e transmittirem-se habitualmente no acto do coito; comprehendendo-se assim debaixo da mesma denominação a blennorrhagia, o cancro simples, e o cancro infectante (a), com seus respectivos accidentes consecutivos. Interpretámos 'neste sentido o termo — *molestias syphiliticas*, que figura no enunciado do primeiro ponto d'esta dissertação.

Alguns auctores, porém, têm feito d'ellas uso differente,

(a) Não excluimos lesão alguma primitiva, e do mesmo modo o cancro mixto.

em harmonia com suas ideias especiaes ácerca da natureza d'estas molestias.

Os que contestam a existencia d'um principio contagioso, como causa d'estas molestias, preferem o segundo termo. Para os que consideram o virus syphilitico como origem commum de todas ellas, as duas expressões são tidas por synonymas, ou até preferida a primeira por dar ideia de sua supposta natureza. Aquelles que não attribuem a esta última causa a blennorrhagia so têm as outras molestias como verdadeiramente syphiliticas. Finalmente, os syphilographos, que sustentam a independencia das tres molestias, reservam o termo — *verdadeira syphilis* — ou simplesmente *syphilis* para o cancro infectante e seus accidentes consecutivos. Ésta distincção, proposta ja por Carmichael, é adoptada por Rollet, Diday e outros, por suporem que so o cancro infectante é seguido de accidentes constitucionaes. Como mais conforme com nossas ideias, sera tambem ésta a nossa linguagem. Assim diremos sempre *molestias venereas*, em logar de *molestias syphiliticas*.

É Alexandre Benedetto, a quem primeiro se attribue a ideia d'uma causa especial, como origem da transmissibilidade das molestias venereas. Admittida depois por Fernel, foi abraçada a mesma ideia pela maior parte dos syphilographos. Ésta doutrina encontrou logo, como quasi todas, numerosos adversarios, que empenharam suas forças em combatel-a. A existencia do virus venereo começou a ser formalmente negada.

Bru foi um dos primeiros campeões d'esta reacção, que elle movia, em vista dos resultados de suas experiencias.

Tendo tentado sem resultado a inoculação da materia blennorrhagica, ou a proveniente das outras molestias venereas, nas variadas phases de sua evolução, Bru julgou-se auctorisado a contestar-lhe o poder contagioso, e, vendo-se obrigado a substituir a doutrina que suppunha plenamente destruida, fez derivar o contagio do que elle chama *modo venereo*, que, no seu pensar, seria o fluido electrico, ou outro, no estado de expansão. Sem duvidarmos das experiencias de Bru, é forçoso admirar a constancia de seus resultados, que so um singular acaso póde explicar, porque ninguem hoje desconhece as consequencias de taes inoculações. So erros de diagnostico, casos de immuidade, ou ignorancia de certas particularidades relativas ao contagio das molestias venereas, podiam conduzir Bru a uma conclusão completamente opposta aos resultados obtidos por quasi todos os syphilographos.

Assim, a explicação de Bru, que mal se concebe, e menos se demonstra, devia ser completamente abandonada.

Não foi mais feliz Caron. Este, considerando o contagio venereo como independente da inoculação de um virus, attribuiu o desinvolvimento das molestias venereas a um vicio occulto, que se estabelece debaixo da influencia da vida, e suppoz que o liquido venereo é susceptivel apenas de produzir effeitos morbidos puramente locais, como os que é capaz de provocar qualquer irritante.

É uma theoria, que se menciona, mas que não merece as honras da discussão.

Um dos mais habéis e valerosos contendores da doutrina do virus foi Jourdan, que, 'num accesso enthusiastico de co-lera, revelou a sua aversão por ella nas seguintes expressões, com referencia ao principio das molestias venereas: «Chamae-o como quizerdes, mas não lhe deis o nome de virus.» Este auctor so admittia molestias venereas locaes, e explicava a sua transmissibilidade pela alteração dos liquidos exhalados pelos órgãos genitales.

Estas ideias, tão favoraveis á doutrina physiologica, foram adoptadas por Broussais e toda a sua eschola.

Os sectarios d'esta doutrina attribuiam os accidentes primitivos á irritação, devida ao liquido exhalado pela mucosa inflamada das partes genitales, ou a qualquer violencia externa; e faziam depender os accidentes consecutivos d'uma acção sympathica, exercida pelo aparelho sexual sôbre os differentes órgãos da economia.

A existencia, porém, de blennorrhagias, produzidas pela simples irritação dos órgãos genitales, não exclue a possibilidade d'outras, devidas a uma causa especial, a qual não pôde contestar-se nas demais molestias venereas.

A pretendida procedencia dos accidentes constitucionaes deve igualmente reputar-se um paradoxo, que so o espirito de systema podia justificar.

Em Richond encontrou o virus syphilitico novo antagonista. Mas seus argumentos não merecem mais valor do que os até alli produzidos.

A elle succederam outros, de que nem menção faremos, porque o que hemos de dizer a respeito de cada molestia venerea em particular dará os principaes elementos para

resolver todas as dúvidas contra a existencia d'uma causa privativa d'estas molestias. Hoje, é ésta a opinião geralmente admittida, não deixando de ser contestada na blennorrhagia, que alguns syphilographos nunca suppõem produzida por uma causa especial.

A impossibilidade de reproducção do cancro simples, ou do infectante, por uma causa que não proceda d'estas molestias, ou de seus accidentes consecutivos, a acção eminentemente contagiosa do liquido que elles formam, e que, inoculado em quantidade infinitesimal, produz lesões identicas áquellas, de que deriva, parecem realmente decidir a questão para éstas molestias.

A manifestação, quasi necessaria, de symptomas geraes, consecutivos ao cancro infectante, a sua regular evolução, o poder contagioso de muitos accidentes secundarios, e, em fim, os numerosos pontos de contacto entre a verdadeira syphilis e outras molestias, evidentemente virulentas, como ao diante veremos, demonstram sufficientemente a existencia do virus syphilitico, e, portanto, a justa collocação da syphilis na classe das molestias virulentas.

Para muitos syphilographos o cancro simples constitue apenas uma molestia pseudo-virulenta, pois que não lhe concedem a possibilidade de produzir effeitos geraes caracteristicos.

Muitas molestias, que se attribuiam a virus particulares, consideram-se hoje dependentes de parasitas vegetaes e animaes. Não podia, por isso, surprehender, que Didier (a) e Donné considerassem certos parasitas como elemento do contágio das molestias venereas. Não passou, todavia, d'uma

(a) Dissert. medic. sur les malad. vénériennes. Paris, 1710.

hypothese gratuita, que era forçoso rejeitar, porque, além de serem locais as molestias d'aquella natureza, não tem sido possível, na maioria dos casos, encontrar especie alguma de parasita nos meios proprios para transmittir as molestias venereas.

O elemento do contagio venereo escapa a todos os meios de observação; é impossivel isolal-o de seus diferentes vehiculos.

Na actualidade, a divergencia dos syphilographos versa especialmente sôbre a determinação das verdadeiras relações etiologicas da blennorrhagia, e do cancro simples e infectante, que passámos a considerar sob este ponto de vista.

A quatro se podem reduzir as principaes opiniões dos syphilographos, que têm escripto desde o principio d'este seculo. Fazem uns proceder todas as molestias venereas d'uma causa unica, não admittindo por isso differença entre a natureza intima do cancro e da blennorrhagia. Outros estabelecem distincção radical entre a blennorrhagia e o cancro por supporem para cada uma d'estas molestias um virus particular. Muitos admittem tres virus, correspondentes ao cancro simples, ao cancro infectante, e á blennorrhagia. Alguns, finalmente, fazem figurar um so virus na etiologia do cancro, e excluem a blennorrhagia da classe das molestias virulentas. Para estes a blennorrhagia é apenas uma phlegmasia simples do mucosa dos orgãos genitales, susceptivel de se transmittir, em determinadas condições.

Da solução de tão interessante problema depende o verdadeiro fundamento da therapeutica d'estas molestias. Cumpre, por conseguinte, examinar, se existe uma so, ou mais molestias venereas.

Remonta a eras longinquas a origem da blennorrhagia. Ja d'ella se faz menção no Levitico, e é descripta com suas complicações pelos Latinos, Gregos e Arabes.

D'uma observação referida em 1527 por Jacques Bontencourt se depreheende, que a blennorrhagia era reputada nesta epocha como distincta das outras molestias venereas. A mesma ideia é expressamente manifestada por Alexandre Benedictus e Marcellus Cumanus. Paracelso, finalmente, em 1530, ennumerando a blennorrhagia entre as complicações da syphilis, dá a entender que apenas admittia entre estas molestias meras relações de coexistencia.

Em 1530 começou a epocha da confusão da blennorrhagia com a syphilis, para o que primeiro concorreu Musa Brasavola, o qual, todavia, nem sempre a considerava de natureza syphilitica. Tomitanus, dez annos depois, julgou-a em todos os casos um signal precursor da syphilis. Astruc e Hunter mostraram-se egualmente sequazes decididos da identidade das molestias venereas. Durante um longo periodo foi ésta doutrina de tal modo dominante, que se abraçava geralmente, sem se reconhecer a necessidade de expor seus fundamentos, nem pensar-se na possibilidade de sua contestação. Causou, porisso, surpresa que em 1767 apparecesse Balfour a sustentar a distincção entre a blennorrhagia e as outras molestias venereas. Benjamim Bell, em

1797, e Hernandez, em 1812, propagaram as mesmas ideias. Seguiram-se outros, e a Ricord, principalmente, deve muito a causa da não identidade, que quasi todos os os medicos defendem hoje.

A séde, a transmissibilidade, e o modo ordinario de transmissão, são characteres communs á blennorrhagia, ao cancro simples, e ao infectante. Podia bastar isto, para que todos os syphilographos, desde Brassavola até Hunter, attribuissem éstas molestias a um principio unico, o virus syphilitico.

Pouca reflexão é precisa para reconhecer a insufficiencia de taes fundamentos.

Não podia estranhar-se que qualquer molestia contagiosa affectasse particularmente os orgãos genitae, e se transmittisse sôbre tudo no acto sexual. Parecia antes que em todos os casos se deviam dar aquellas condições de séde e transmissão. Era, conseguintemente, natural encontrar nas differentes molestias venereas aquelles pontos de contacto, que se deduzem todos de sua transmissibilidade commum.

Tem-se allegado, com o mesmo fim, a coexistencia da blennorrhagia com as outras molestias venereas, e a transmissão de todas a um individuo so, ou de cada uma a individuos differentes, pela mesma mulher.

A coexistencia, porém, é propria de molestias que têm de commum a séde e modo de transmissão. Coexistem as molestias venereas, pelo mesmo motivo porque muitas vezes se verifica isso a respeito das febres eruptivas, cuja transmissão parece effectuar-se no acto respiratorio.

Do segundo facto não pôde tambem inferir-se o que

Hunter e seus sectarios pretenderam, asseverando que o pus blennorrhagico é capaz de produzir a blennorrhagia, o cancro simples, ou o cancro infectante, e que, do mesmo modo, o liquido canceroso pôde dar origem a qualquer dos tres estados morbidos. As observações que serviram de fundamento a ésta asserção faltou a apreciação de todas as condições, e o rigor que a questão demanda.

É possível que o liquido canceroso occasiona a blennorrhagia, que qualquer agente irritante pôde causar. No entanto, considerámos mui pouco provavel a reprodução do cancro pela materia blennorrhagica.

Com a applicação do especulo á exploração dos órgãos genitais, Ricord chegou a resultados, que a inoculação confirmou plenamente.

Nunca o insigne syphilographo observára accidentes geraes da syphilis em doentes affectos só de blennorrhagia, ou que a inoculação, em tal caso, produzisse o cancro. Pelo contrário, quando o cancro succedia á inoculação, encontrára lesões similhantes nos órgãos correspondentes, que não podiam, ou não tinham, sido previamente observados. Estes factos, confirmados por muitos praticos, são hoje geralmente admittidos. Segundo Rollet, é una verdade impossivel de contestar, que os doentes affectos simplesmente de blennorrhagia jamais soffrem accidentes syphiliticos. Foi pelo menos este o resultado de sua constante observação nos numerosos casos, em que lhe foi possível seguir os doentes por largo tempo, depois do comêço da moléstia. Estes casos prestam-se a deducções mais rigorosas, do que aquelles, que o medico, na presença de accidentes

syphiliticos, tem de julgar por simples informações. A notavel disposição dos doentes para referir á blennorrhagia quaesquer accidentes syphiliticos ulteriores, e a facilidade com que o cancro, por causa de sua séde, ou de outro motivo, pôde escapar á observação, não poucas vezes terão conduzido a erro, que melhores condições de observação nem sempre têm evitado.

A descoberta do cancro uretral, que é forçoso reconhecer hoje, revelou nova origem de accidentes, que muitas vezes devem ter sido attribuidos á blennorrhagia, que elle muito bem pôde simular.

Por outro lado, se fôsse verdadeira a opinião de Hunter, deviam ser mais frequentes os cancos communicados por individuos affectos de blennorrhagia; e, todavia, a raridade de taes casos contrasta com a frequencia d'esta molestia. De estatisticas, fundadas em milhares de observações, resulta que a blennorrhagia é a mais frequente das molestias venereas; e o mesmo Hunter dizia, que os accidentes constitucionaes procedem cem vezes do cancro, e uma so da blennorrhagia. Finalmente, o cancro não tem por accidentes consecutivos a orchite, a epididymite, a prostatite, a arthrite e a ophthalmia blennorrhagica, que, pelo contrário, succedem frequentemente á blennorrhagia.

Alguns dos sequazes de Hunter têm considerado os dois ultimos accidentes como manifestações da syphilis constitucional.

A arthrite blennorrhagica, que tambem se chama rheumatismo blennorrhagico, considerada pelos antigos como independente da blennorrhagia, foi modernamente julgada do

mesmo modo por alguns syphilographos, e particularmente por Thiry. Comtudo, as observações da maior parte dos practicos não favorecem ésta opinião.

Rollet da sua extensa e rigorosa observação infere, que a frequencia da arthrite é muito superior á que se daria numa simples coincidencia; e, em todos os casos observados, viu que a molestia se repetia todas as vezes que o individuo contrahira nova blennorrhagia, ou que se exacerbára um corrimento habitual. Deduz-se tambem das mesmas observações, que, no maior número de casos de arthrite blennorrhagica, os doentes não tinham tido antes rheumatismo, nem descendiam de paes rheumaticos; e, naquelles em que o contrário se averiguou pela sua historia médica, o rheumatismo, em vez de recidivar, nem sequer reapareceu. Estes factos, reconhecidos por Brandes, Diday, Ricord e outros, não tendo explicação plausivel nas condições de desinvolvimento da blennorrhagia, nem podendo attribuir-se aos medicamentos com que ella se combate, fazem suppor entre éstas duas affecções uma relação intima de causalidade.

A ideia de metastase, invocada pelos antigos para explicar ésta relação, nem ao menos fundamento tem, porque o corrimento fica muitas vezes estacionario, augmenta em alguns casos, ou diminue depois da molestia se ter declarado.

A opinião da absorpção d'um virus lucta egualmente com numerosas difficuldades. Alem de não explicar a raridade da molestia na mulher, faria da blennorrhagia uma notavel excepção entre as verdadeiras molestias virulentas.

Outra nos parece dever ser a explicação.

É observação de Ricord e de muitos practicos que a arthrite so é consecutiva á blennorrhagia uretral. Ora, taes relações mantem a uretra com certos órgãos, que as lesões, de que ella é séde, se reflectem 'nelles, e reciprocamente. Citam-se, de feito, casos de corrimentos uretraes, desinvolvidos durante o trabalho da dentição, em individuos com rheumatismo, gôtta, desynteria, etc.; e affirma-se que o catheterismo é capaz de produzir dôres pseudo-rheumaticas, e até a arthrite, da qual Velpeau apresenta tres exemplos, e Moffait um.

Sendo por outro lado certo que a orchite e a epididymite, por exemplo, podem manifestar-se consecutivamente á uretrite, sem que os pontos intermedios sejam sensivelmente affectos, e explicando-se por sympathia o que nunca se reputou effeito d'uma acção geral, é nossa opinião que se deve attribuir á inflammação da uretra, e explicar por um mechanismo analogo o desinvolvimento da arthrite blennorrhagica.

Por uma discussão similhante se poderia provar que a ophthalmia blennorrhagica não é indicio d'uma influencia geral.

Apesar d'isto, alguns syphilographos eminentes ainda hoje sustentam a existencia d'uma classe de blennorrhagias de natureza syphilitica.

Portanto, se não podêmos asseverar com Ricord, que a blennorrhagia syphilitica é identica ao cancro, é o proprio cancro, fôrça é confessar que todas as probabilidades nos levam a considerar a blennorrhagia propriamente dicta

como molestia local, devida a uma causa distincta da que produz o cancro simples e o infectante.

Excluidos os corrimentos symptomaticos d'um cancro, Ricord, Robert e outros, consideram sempre a blennorrhagia como uma phlegmasia simples da mucosa dos orgãos genitales. Não passam, porém, de simples presumpções seus fundamentos. Por isso, e por existirem corrimentos essencialmente contagiosos, entendemos que não póde negar-se a existencia d'uma especie de blennorrhagias, digna de occupar um logar no grupo das molestias pseudo-virulentas.

Em 1508, Georges Vella descreveu o cancro simples como symptoma da syphylis. Dominou por muito tempo ésta ideia. Foi Carmichael o primeiro que ousou atacal-a com a sua hypothese dos quatro virus, correspondentes ás differentes fórmas de accidentes venereos. Ricord (a), que, em 1832, tinha opinado pela unidade do virus canceroso, declarou, em 1851, que as differenças nas manifestações morbidas, consecutivas ao cancro, podiam depender não so de condições individuaes, mas tambem da diversidade de causas e de virus, mostrando assim duvidar da sua primeira opinião, e com tendencia para outra, que, pouco depois, foi enunciada d'um modo mais terminante.

Bassereau, com effeito, em 1852, mostrou-se sectario decidido do dualismo canceroso, que Diday (b), em 1858, defendeu, e confirmou depois na sua historia natural da sy-

(a) Lettres sur la syphilis, 1851, pag. 353.

(b) Exposition critique et pratique des nouvelles doctrines sur les syphilis, 1858.

philis com a convicção que resulta das seguintes linhas relativas ás duas especies de cancos «Parece-me, que, para o observador livre de preocupação doutrinal, existe entre dois estados tão profundamente disimilhantes tanta [diferença como entre o carbunculo e o furunculo, como entre a pustula variolica e a do *favus*» (a).

Nos ultimos tempos, a doutrina do dualismo tem ganhado numerosos adeptos, e é, entre elles, digno de menção honrosa Rollet, que tanto tem concorrido para elucidar esta importantissima questão.

Os sequazes do dualismo, admittindo dois virus correspondentes aos dois cancos, explicam a diversidade de effeitos pela differença das causas. Os que defendem a existencia d'um virus unico fazem depender este resultado de condições individuaes indeterminadas. Para os primeiros o cancro simples é uma affecção puramente local, e so o cancro infectante produz effeitos constitucionaes. Os segundos, pelo contrario, pensam que a ambos se podem seguir as mesmas manifestações morbidas. Por conseguinte o campo é diametralmente opposto.

Á inoculação do pus do cancro simples succede ordinariamente, no fim de vinte e quatro horas, um ligeiro rubor. No segundo dia existe ja uma pequena elevação cercada d'uma aréola rubra, ou uma pequena pustula, que é raro faltar no terceiro ou quarto dia, e não se apresentar completamente desinvolvida no quinto (b). Algumas vezes,

(a) Hist. nat. de la syphilis, 1863, pag. 10.

(b) Estes phenomenos faltam quando a inoculação se faz num ponto privado de epiderme.

porém, so mais tarde se daclaram estes phenomenos. Depois d'um tempo variavel, rompe-se a epiderme, deixando ver uma solução de continuidade, as mais das vezes circular, com bordos cortados a pique, descollados em certa extensão, e levemente voltados para fóra. O fundo é irregular, e quasi sempre coberto d'uma substancia cinzenta, que resulta dos tecidos alterados, os quaes gradualmente se destacam das partes subjacentes. Os bordos e base são ordinariamente molles, e dão logar a uma suppuração abundante. Ésta descripção, que compete ao cancro simples typo, não é exacta para todos os casos. Assim, quando elle se estende ao tecido cellular, a sua base adquire uma dureza, que algumas vezes é difficil distinguir da que caracteriza o cancro infectante. Sôbre este correm divergencias entre os syphilographos.

Robert e outros suppõem, na maioria dos casos, uma perfeita identidade na primeira phásé de evolução dos dois cancros. Segundo este auctor, fórma-se quasi sempre primeiro uma ulcera com todos os caracteres do cancro molle, e o cancro infectante apenas se reconhece pela apparição do endurecimento, que raro se manifesta antes de quinze dias. O cancro infectante, bem caracterizado, consiste 'numa pequena ulcera, quasi sempre superficial, e que aprésenta um rubro côr de cobre ou mais carregado ainda; seus bordos são ordinariamente inclinados, e as mais das vezes nivelados com o fundo, mais ou menos arredondados, e, so por excepção, um pouco descollados. Os bordos e fundo apresentam um endurecimento caracteristico, que os cêrea a uma distancia quasi equal. Este endurecimento é

geralmente bem limitado, e arredondado, e produz, ao tocar-se, uma impressão, como a que dá um tecido elastico e renitente.

Sua fórma e volume dependem da fórma e volume do cancro. O fundo é desigual e dá um liquido, pouco abundante, que tem grande tendencia a concretar-se numa pellicula branca, ou em verdadeira crusta. Este liquido, na opinião de Henri Lee (a), so reúne os caracteres de verdadeiro pús, quando existe uma irritação accidental; e, na falta d'esta, consiste numa serosidade turva com globulos de lymphá e alguns restos de epithelio; em quanto que o que provém do cancro simples apresenta globulos distinctamente separados, e de dimensões quasi eguaes. Esta differença de aspecto, que o microscópio torna saliente, pôde, no seu entender, converter-se em meio importante de diagnostico.

Não existe, porém, conformidade nos syphilographos ácerca do primeiro periodo do cancro infectante.

No pensar de Rollet (b), começa sempre por uma pápula, que depois se ulcêra. Diday (c) suppõe-n'o tambem. «Para mim, diz elle, a lesão primitiva, qualquer que seja a sua origem, apparece sempre debaixo da fórma d'uma pápula, que ulteriormente se ulcêra.»

Ainda que Robert tirou suas deducções sôbre tudo da inoculação artificial, e mui provavelmente se serviu algumas vezes do pus do cancro mixto, não pôde negar-se que

(a) Leçons sur la syphilis, pag. 11.

(b) Recherche clin. et expériment. sur la syphilis, le chancre simple et la blennorrhagie, 1861, pag. 16.

(c) Histor. nat. de la syphilis, 1863, pag. 77.

o cancro infectante comece, em alguns casos, por uma vesícula ou pustula. Isto pôde depender de certas condições individuaes, ou outras inherentes á causa morbida. Todavia Rollet (a) assevera que os dois cancros offerecem sempre differenças salientes em todos os periodos.

Vidal e Gibert attribuem á lesão syphilitica uma fôrma aproximada da que tem o accidente que a produziu. Rollet (b), pelo contrário, admite que o cancro infectante, bem caracterisado, é sempre a origem da syphilis adquirida. Na opinião de Robert (c), o cancro infectante, quando se não desinvolve 'num ponto ulcerado, começa por uma vesícula ou pustula, ou por uma pequena erosão, precedida, ou não, d'uma pápula, saliente na pelle, e pouco apreciavel na mucosa. Estas últimas fôrmas, que elle suppõe serem raras, nunca notou que procedessem senão de accidentes secundarios (d). Langlebert suppõe, que o cancro infectante typo procede d'um accidente primitivo, e que os accidentes secundarios dão origem a um cancro com caracteres especiaes, e que é descripto por elle sob a denominação de *erosão superficial*, e, com o nome de *erosão canceriforme*, por Diday. A variedade de aspecto nas lesões primitivas, diz este último auctor, é um facto de observação vulgar.

A erosão canceriforme, como elle a descreve, começa depois de longa incubação por uma pápula côr de cobre e sêc-

(a) Recherche clin. et expériment. sur la syphilis, le chancre simple et la blennorrhagie, 1861, pag. 16.

(b) Obra cit., pag. 19.

(c) Nouveau traité des maladies vénériennes, 1861, pag. 519.

(d) Robert, obra cit., pag. 350.

ca, e assim persiste por muito tempo. Cobre-se depois de escamas, que quasi sempre se destacam, mostrando uma superficie rosada, quasi ao nivel da pelle, e da qual sae serosidade em pequena quantidade, e em que se percebe um endurecimento superficial (a). A *affecção condylomatosa* de Rinecker, a *erosão cancerosa* de Bassereau, a *venerola vulgaris* de Ervans, a *patchy excoriation* de Carmichael, e a *superficial primary syphilis* de Wallace, correspondem á erosão canceriforme de Diday.

Admittindo a diversidade de fórma da lesão primitiva da syphilis, não considerámos comtudo demonstrado que o cancro infectante typo proceda sempre d'uma lesão similhante, e que as outras variedades não possam ser produzidas por elle. O proprio Diday parece reconhecê-lo no seu tractado de syphilis, de 1863, quando diz: «É por isto que existe tão frequentemente uma relação entre a fórma da lesão do individuo infectante, e a da lesão primitiva do infectado; é pelo mesmo motivo que com facilidade podíamos ser levados a generalisar fóra dos limites, affirmando que o verdadeiro cancro produz sempre, e não pôde produzir senão o verdadeiro cancro, que a erosão canceriforme produz sempre, e não pôde produzir senão a erosão canceriforme!» (b) Portanto o cancro infectante apresenta, pelo menos a maior parte das vezes, em todos os seus periodos, caracteres, que o discriminam do cancro simples.

Admittem hoje geralmente os syphilographos a existencia de lesões mixtas, que podem ser produzidas pela ino-

(a) Diday, Hist. nat. de la syphilis, 1863, pag. 76.

(b) Diday, obra cit., pag. 86.

culação natural ou artificial do pus do cancro simples nas diferentes lesões syphiliticas.

O cancro infectante é profundamente modificado, no fim de dois a tres dias, pelo pus do cancro simples. Seu fundo torna-se cinzento, e causa d'uma abundante suppuração. Póde até desinvolver-se o bubão virulento, sem deixarem de persistir, d'um lado pelo menos, o endurecimento e a adenopathia indolente; e os symptomas constitucionaes apparecem, sem que sejam influenciados por ésta complicação.

Ésta lesão mixta, diz Rollet, pode igualmente formar-se pela acção simultanea do liquido dos dois cancos, apparecendo então, primeiro, o cancro simples, e, so mais tarde, os caracteres proprios do cancro infectante. Crê mesmo, que o cancro mixto existe como especie pathologica distincta (a).

Baseado nos resultados de algumas experiencias, em que fez actuar o liquido do cancro infectante, ou de diversos accidentes secundarios, sôbre o cancro simples, Robert contesta a possibilidade de formação do cancro mixto pela acção do liquido duplo, resultante dos dois cancos, ou do liquido do cancro infectante sôbre o cancro simples. Suppõe que o pus do cancro simples tem o podêr de neutralisar o liquido do outro cancro. Consequintemente, segundo Robert, so é possivel o cancro mixto, quando o pus do cancro simples actua sôbre o cancro infectante. Comtudo, não parece natural ésta conclusão de Robert, a que se oppõem ainda as observações de Lindwurm e de Nodet. O primeiro diz que se póde inocular o cancro infectante no cancro simples, e

(a) Recherches clin. et expériment. sur la syphilis, le chancre simple et la blennorrhagie, 1861, pag. 38.

vice-versa. O segundo declara expressamente, que o cancro mixto se fórma, ou inoculando os dois virus previamente misturados, ou applicando o pus do cancro simples ao cancro infectante, ou, enfim, fazendo-se actuar sôbre o cancro simples o virus syphilitico, qualquer que seja a sua procedencia.

Creemos, portanto, que não podem contradizer-se as asserções de Rollet.

O cancro infectante é frequente na cabeça, e, particularmente, na cavidade buccal, onde o cancro simples é tão raro, que se tem querido contestar a sua existência neste lugar. Este facto é differentemente explicado pelos sequazes das duas doutrinas. Robert e outros admittem uma tal predilecção, da parte da cabeça pelo cancro infectante, que o liquido canceroso produz sempre aquella lesão, qualquer que seja sua origem. Aos exemplos de cancro simples, consecutivo ás inoculações realisadas por Rollet, Hucbenet, Bassereau, Puchet e outros, responde-se, que não se podiam esperar de meios experimentaes violentos resultados identicos aos do contágio natural. Porém, Bassereau, em suas experiencias de inoculação artificial, aproximou-se muitas vezes, o mais possivel, das condições normaes do contágio, applicando o pus do cancro simples a excoriações accidentaes dos labios; e Rollet refere casos de cancro simples, contrahidos naturalmente. Por taes motivos rejeitámos esta opinião, e tambem a d'aquelles dualistas, que attribuem á influencia da região a inaptidão para o cancro simples.

Não é a presença exclusiva, mas sim o dominio do cancro infectante na bocca, que carece de explicação.

É o que faz Rollet. Sendo o cancro simples, diz elle, uma affecção local, so por excepção se poderia desinvolver longe dos órgãos genitae; em quanto que o cancro infectante, como accidente primitivo d'uma molestia geral, devia naturalmente existir em qualquer parte susceptivel de se pôr em relação com accidentes contagiosos da syphilis. D'este modo, a bocca, que é o principal foco dos accidentes secundarios, e a região que mais se expõe ao contacto d'estes, devia ser séde quasi exclusiva do cancro infectante. As relações tão naturaes da bocca do infante com a região mammária da mulher dariam egualmente explicação satisfactoria da supposta predilecção d'esta parte pelo cancro infectante, que ahí é muito mais frequente do que o cancro simples. Parece-nos tão natural esta explicação, e tanto em harmonia com a observação clinica e experimental, que temos como favoravel á doutrina do dualismo o facto a que ella se applica.

O cancro simples é muitas vezes seguido do engurgitamento d'um so ganglio lymphatico, em que se pronuncia mais ou menos o estado inflammatorio, o qual termina quasi fatalmente pela suppuração.

Não acontece assim a respeito do cancro infectante, a que, na epocha da appareção do endurecimento caracteristico, succede a adenopathia de muitos dos ganglios lymphaticos correspondentes. Os ganglios affectos são móveis, duros, indolentes ou pouco dolorosos, e, entre elles, distingue-se sempre um por seu maior volume e dureza. Os poucos exemplos de terminação por suppuração attribuem-se a causas accidentaes de irritação, ao estado escrofuloso,

ou a uma dupla inoculação. Esta alteração dos ganglios mais próximos pôde manifestar-se tarde; mas, segundo asseveram Diday e outros syphilographos, nunca falta; e appellam-na porisso «o companheiro necessario do cancro.»

Discordam os practicos sôbre o espaço decorrido entre a inoculação do líquido canceroso e o apparecimento de seus primeiros effeitos. É um ponto digno de se considerar, porque d'elle se tem pretendido deduzir um dos mais solidos argumentos em favor do dualismo. Ninguem admite no cancro simples um periodo de incubação, porque para todos é evidente o curto intervallo que medeia entre a acção da causa e a manifestação do effeito. Existe, portanto, neste caso, ausencia completa de incubação.

Do mesmo modo opina Robert a respeito do cancro infectante, o qual, a seu ver, tem geralmente um principio identico ao do cancro simples, de que é impossivel distinguil-o até certa epocha. No primeiro e segundo dia depois da inoculação, apparece uma pápula; no terceiro ou quarto dia, existe ja uma pustula, etc. Inoculando-se, continúa Robert (a), o líquido d'um e outro cancro em pontos proximos no mesmo individuo, vêem-se marchar parallelamente as lesões produzidas, sem ser possivel reconhecer-se differença apreciavel em seu primeiro periodo. Rollet assevera, pelo contrario, que esta dupla inoculação, realisada naturalmente, dá occasião a apreciar-se melhor do que nunca o periodo de incubação do cancro infectante, porque, em tal caso, o cancro simples declara-se quasi logo, em quanto

(a) Nouveau traité des maladies vénériennes, pag. 356.

que o outro se apparece no fim de muitos dias. Aos resultados das experiencias de Robert oppõem-se as observações de Rinecker, Gibert, Rollet, Diday, Nodet e outros muitos syphilographos, que admittem sempre um periodo de incubação para o cancro infectante.

Diday refere dez casos de syphilis, communicada por accidentes secundarios, em que o intervallo entre a acção da causa e a appareição dos primeiros indicios da lesão é representado pelos numeros 29, 30, 28, 35, 25, 35, 34, 28, 18 e 25 dias, d'onde se deduz como termo medio 28 dias e $\frac{7}{10}$.

Em outros dois casos de inoculação do liquido d'um cancro infectante, bem caracterisado, o intervallo foi de 17 dias para um, e de 19 dias para o outro. Estão em harmonia com estes resultados os da observação clinica de Diday, que, durante seis mêzes, dedicou toda a attenção aos doentes que se lhe apresentavam affectos de cancro infectante. Conseguiu reunir vinte e nove casos, em que se comprehendem exclusivamente as respostas dos doentes, cujos caneros, diz Diday (a), eram muito recentes, cujas recordações pareciam precisas, que tinham visto so uma vez a mulher suspeita, e que, antes do último coito, não tinham contrahido outro, ha mais d'um mez, pelo menos. O termo medio correspondente a estes vinte e nove casos são 14 dias. Em onze casos observados por Fournier, o termo medio foi de 5 dias, e de 8 dias, em vinte e oito casos apreciados por Poncet. Os resultados d'estas estatisticas, segundo dizem

(a) Hist. nat. de la syphilis, pag. 69.

Rollet e Diday, são a cada passo confirmados pela observação clínica.

A opposição d'estes resultados com os de Robert pôde ser apenas apparente, porque é possível que os ultimos digam respeito principalmente a casos de cancro simples, de cancro mixto, ou de cancro infectante, cujo liquido, por sua acção irritante, produzisse effeitos locais promptos. Conforma-se esta presumpção com a natureza dos factos que serviram de prova ás asserções de Robert sôbre incubação, pois que quasi sempre as lesões produzidas seguiram, no seu principio, uma marcha identica á do cancro simples.

Apesar de ser tambem variavel a epocha da appareição do endurecimento, Robert (a), como quasi todos os syphitographos, considera-o como indicio de modificações, operadas na economia pela absorpção do virus syphilitico; mas suppõe que, so a partir d'este momento, se caracteriza o cancro infectante. Concorda, portanto, na existencia d'um periodo de incubação para um attributo essencial do cancro infectante, em que, por isso mesmo, reconheço uma particularidade, que falta sempre no cancro simples.

Tem-se procurado outra prova na diversidade de origem dos dois cancros. Rollet (b) assevera, que confrontações em centenaes de doentes demonstram que o cancro simples so provém d'outro similhante, e que o cancro infectante nunca procede senão d'uma lesão syphilitica. É tambem esta a opinião de Henri Lee, Diday e outros. O proprio Robert não duvida d'esta correlação na maioria dos casos-

(a) Nouveau traité de maladies vénériennes, pagg. 347, 461, 467.

(b) Recherches clin. et expériment. sur la syphilis, le chancre simple et la blennorrhagie, 1861, pag. 20.

Os efeitos consecutivos não parecem tambem os mesmos num e outro cancro. Affirma Rollet (a) que o cancro simples jamais produz efeitos constitucionaes, e que estes, pelo contrario, succedem, quasi necessariamente, ao cancro infectante. «A syphilis secundária, conclue elle, é, pois, a consequencia necessaria do cancro infectante, sempre do cancro infectante, nunca d'alguma outra lesão.»

Diday (b) pensa de igual modo. Henri Lee (c), em fim, confirma o mesmo nas seguintes expressões: «o cancro primitivo suppurante (cancro simples) é uma molestia local, e eu nunca a vi, bem que a tenha sempre observado cuidadosa e vigilantemente, infectar a constituição do doente, ou produzir symptomas secundarios.» Robert combate esta e a penultima asserção, pois que observou casos de efeitos geraes, em seguida a lesões com todos caracteres do cancro simples; viu alguns, em que o cancro simples foi communicado por doentes, que depois apresentaram symptomas constitucionaes; e presenciou outros de cancro infectante, causado por individuos, em que não se descobriu lesão similhante, nem algum accidente geral, passado tempo.

Exemplos d'esta ordem não são frequentes (d). Apesar das observações descriptas por Robert a pag. 305, e as conclusões que vêm formuladas no artigo que se inscreve — *resultados da clinica e da experiencia*, cremos provavel

(a) Recherches clin. et experiment. sur la syphilis, le chancre simple et la blennorrhagie, pag. 17 e 18.

(b) Hist. nat. de la syphilis, pag. 86.

(c) Leçons sur la syphilis, pag. 6.

(d) Robert, Nouveau traité des maladies vénériennes, 1861, pag. 358.

que taes factos devem sua verdadeira explicação á existencia do cancro mixto, á difficuldade de distinguir muitas vezes o endurecimento característico do cancro infectante, á variedade de fórma e séde d'este cancro, e tambem á inaptidão de que parecem dotados certos individuos para contrahir a syphilis.

Para confirmação da doutrina do dualismo tem-se ainda invocado os resultados da inoculação.

A reinoculabilidade quasi illimitada do cancro simples considera-se um facto sem contestação possível. A respeito do cancro infectante pensou-se do mesmo modo até 1852. A opinião que então vogava ácerca da natureza dos dois cancros, e os resultados, obtidos na maioria dos casos de inoculação, justificam, em parte, o que os factos não parecem hoje auctorisar.

Em 1861 Rollet defendia a irreinoculabilidade do cancro infectante, em qualquer período. Diday (a) reputa-a como demonstrada, menos para o periodo inicial do cancro. «Ninguem hoje, diz elle, deixa de reconhecer que o cancro, no periodo de estado, é constantemente irreinoculavel. É mais que um facto de experiencia, é um caracter commum a todas as molestias virulentas».

Das observações de Laroyenne (b) e de Basset (c), que particularmente prestaram fundamento á opinião de Rollet, não póde deduzir-se a irreinoculabilidade do cancro em seu principio, porque se referem todas a doentes, que ja apre-

(a) Hist. nat. de la syphilis, 1863, pag. 221.

(b) Annuaire de la syphilis, 1859, pag. 235.

(c) Thèse inaugurale, 1860.

sentavam accidentes constitucionaes, ou que tinham o cancro, ha dias, quando se procedeu á inoculação.

A analogia favorece a ideia da reinoculabilidade do cancro infectante recente.

Com effeito, a pustula vaccinica, que tantos pontos de contacto tem com o cancro infectante, não é reinoculavel, ao cabo de alguns dias. Não obstante, algumas vezes se tem verificado este character na pustula recente. Bryce cita casos d'esta ordem; e Diday observou dois, nas unicas duas vezes, em que practicou a segunda vaccinação, precisamente no momento em que se manifestavam os primeiros effeitos da vaccinação antecedente. Seriam talvez mais frequentes estes resultados, se se procedesse á inoculação, desde a apparição dos primeiros indicios de lesão no ponto vaccinado.

A experiencia e observação clinica parecem egualmente prestar-lhe fundamento.

As provas deduzidas da inoculação artificial são raras por causa da difficuldade de observar o cancro infectante no seu principio. Em 99 casos, diz Diday, Fournier somente achou reinoculavel o unico cancro, que tinha apenas alguns dias de duração; e Poisson, entre 52 casos, reconheceu o mesmo character so'naquelle, que suppunha de origem recente. Henri Lee e Diday mencionam cada um seu caso, que porventura, algum valor poderão ter. Clerc, depois de declarar que não obteve, as mais das vezes, resultado algum da inoculação, feita poucos dias depois da apparição do cancro infectante, accrescenta «Temos comtudo obtido resultados positivos da inoculação... pensámos hoje que éstas inoculações repetidas apresentariam mais vezes taes resultados, se

fôsem practicadas mais proximamente ao principio do cancro infectante.»

A observação clinica ministra-nos factos concordes com os resultados da experiencia.

Na verdade, o cancro infectante é algumas vezes multiplo, e seu desigual desinvolvimento, em alguns casos, parece indicar a apparição de cada um em dias differentes, como o proprio doente assevera. Em tal caso, a sua posição em pontos contiguos ou correspondentes, o que algumas vezes tem logar, faz parecer provavel que os cancros mais recentes procedam, ás vezes pelo menos, dos primeiros, por reinoculação. No entanto, estes differentes fundamentos são depreciados por Nodet, que sustenta a irreinoculabilidade do cancro infectante, em qualquer periodo.

Robert, pelo contrário, admite a reinoculabilidade do cancro infectante, muito tempo depois do seu principio. «O producto de secreção do cancro infectante, diz elle (a), pôde inocular-se no doente affecto d'este accidente; duas, tres, quatro, até seis inoculações, practicadas successivamente com o pus do último cancro desinvolvido, deram constantemente resultados positivos, e os cancros, assim gerados, apresentaram todos os caracteres do cancro molle o mais virulento». O desinvolvimento constante de lesões, com os caracteres do cancro simples, faz presumir que as experiencias se fizeram com o pus do cancro simples ou do cancro mixto; e esta dúbida augmenta, porque o auctor declara mais adiante que a inoculação do liquido do cancro

(a) Nouveau traité des maladies vénériennes, 1861, pag. 359.

infectante, em individuos sãos ou affectos de cancro simples, produziu ás vezes este último sem symptomias constitucionaes.

Em vista de tudo isto, parece que apenas se deve deixar de reconhecer, como facto plenamente demonstrado, a reinoculabilidade do cancro infectante recente.

O ordinario isolamento do cancro infectante, e a frequente multiplicidade do cancro simples, estão em perfeita harmonia com a opinião da irreinoculabilidade do primeiro.

A therapeutica, emfim, concorre tambem para provar a independencia dos dois cancros.

Este contínuo encontro de opiniões, fundadas em observações e experiencias de resultados sempre oppostos, não permite o considerar, por em quanto, provada d'um modo incontestavel a distincção absoluta entre os dois cancros. Todavia é forçoso confessar que as maiores probabilidades militam por ésta opinião, que talvez venha ainda a ser a de todos os syphilographos.

Á lesão operada no ponto de contacto com o virus syphilitico, e que se chama primitiva, porque nunca falta na syphilis adquirida, e é sempre a primeira que apparece, succedem, passado tempo, accidentes consecutivos ou constitucionaes, que ordinariamente seguem certa regularidade em seu desinvolvimento, não invadem os mesmos tecidos, nem se combatem pelos mesmos meios. Debaxo d'este ponto de vista, têm sido classificados em accidentes secundarios e terciarios. Os primeiros affectam especialmente a

pelle e a mucosa; os segundos têm a séde nos tecidos profundos.

Um período de incubação, quasi sempre mais longo que aquelle que corresponde aos accidentes primitivos, separa estes dos accidentes secundarios. Ricord (a) diz «É do quarto ao sexto septenario que sobrevêm os accidentes secundarios, frequentemente do segundo ao terceiro mez, e muito mais raras vezes alem do quinto ou sexto.» Bassereau apresenta uma estatistica, que não se reputa rigorosa, porque em muitos casos os doentes so foram observados, longo tempo depois de se haver manifestado o erythma syphilitico, que elle suppunha uma das primeiras manifestações da syphilis. A estatistica de Diday (b) considera-se, pelo contrário, como uma das mais exactas. A 52 casos, colligidos por Diday, durante 20 mezes, correspondem 46 dias como termo médio do intervallo entre a supposta invasão do accidente primitivo e os primeiros symptomas constitucionaes. As observações de Robert são favoraveis aos resultados d'esta estatistica.

Parece que, durante este tempo, o virus syphilitico se multiplica, por um processo desconhecido, para operar no organismo os terriveis destroços, de que é susceptivel.

Symptomas variados costumam annunciar os accidentes secundarios, e são, porisso, mencionados como prodrómos do periodo secundario. Dores rheumatoides, cephalia, cardialgia, pallidez da face, perturbações passageiras da vista,

(a) Lettres sur la syphilis, 1863, pag. 346.

(b) Exposition critique et pratique des nouvelles doctrines sur les syphilis, 1838, pag. 237.

e uma mudança quasi sempre apreciavel no estado moral do doente, representam os mais importantes d'estes phenomenos. Desapparecem elles para voltar por differentes vezes no decurso da syphilis; mas podem deixar de preceder os accidentes secundarios.

São, comtudo, frequentes nesta epocha, pois que Diday os presenciou bem caracterisados, 37 vezês em 40 doentes affectos de syphilis.

Grassi demonstrou pela anályse do sangue de numerosos syphiliticos que estes symptomas coincidem com a diminuição notavel dos globulos rubros d'este liquido, e muitos syphilographos deduziram de suas observações que elles são mais frequentes, mais duradouros, e mais susceptiveis de adquirir maior intensidade na mulher do que no homem. Taes fundamentos fazem crer, que a alteração do sangue é a causa immediata d'estes variados phenomenos.

É ponto mais litigioso a verdadeira origem da alopecia que acompanha com muita frequencia os symptomas, de que temos fallado. Tem-se attribuido este accidente á erupção do tegumento craneano, á influencia directa do mercurio, ou do virus syphilitico.

A primeira ideia procede, provavelmente, de coexistirem muitas vezes os dois phenomenos. A falta de relação, porém, entre a alopecia e a erupção, existindo aquella em pontos distantes d'esta, e a cahida das pestanas, sobrancelhas, etc., sem se reconhecer modificação alguma na pelle, mostram que existe simples coincidencia entre phenomenos, que são proprios do mesmo periodo.

Não se pôde tambem fazer depender do mercurio, por-

que a alopecia tem sido muitas vezes observada em syphiliticos, que nunca foram submettidos á influencia d'este agente.

Os que a explicam pela acção directa do virus syphilitico fundam-se no apparecimedto d'este phenomeno so depois dos prodrómos, e quando ja existem verdadeiras manifestações syphiliticas. Este facto não é concludente, porque muito tempo antes da cahida dos cabellos, podem reconhecer-se modificações importantes em suas condições physicas. A relação que ordinariamente existe entre a intensidade dos prodrómos e a extensão da alopecia parece indicar que o estado chloro-anemico concorre para produzir este accidente, mas não prova que elle seja sua causa exclusiva.

O estado de alteração do sangue depende, no pensar de Ricord, da influencia directa do virus syphilitico, o que contesta Virchow, por ter observado algumas vezes manifestações syphiliticas importantes, sem que symptoma algum revelasse modificação na composição d'aquelle liquido.

Na opinião do distincto professor de Berlim, o estado chloro-anemico é devido á insufficiencia de formação dos globulos rubros, em consequencia da alteração dos orgãos hematopoieticos. Sendo, porém, certo que os prodrómos se declaram muitas vezes, antes de se mostrarem affectos outros ganglios, alem dos que dependem do accidente primitivo, e resultando das análises feitas por Grassi que a diminuição na quantidade dos globulos rubros é mesmo apreciavel 'nestas condições, não repugna admittir que ambas as causas cooperem para a producção d'um phenomeno,

em que talvez tomarão parte outras modificações, operadas na economia pelo virus syphilitico.

Alguns syphilographos mencionam, entre os prodrómos, a adenopathia, que, no periodo secundario, affecta os ganglios lymphaticos de várias regiões, e que raras vezes falta na região cervical posterior. Procede isto, a nosso ver, de julgar-se que estes phenomenos podem preceder as syphilides. Assim pensam Ricord, Puche e Robert, contrariamente á opinião de Cullerier, Bazin, Diday e outros. De feito, Diday considera as alterações locaes como necessarias á adenopathia, porque, em seu juizo, nenhum ganglio é affecto no doente syphilitico, sem que já exista, ou se prepare, uma lesão na extremidade peripherica dos vasos lymphaticos afferentes, e julga que as lesões syphiliticas, mais proprias para produzir aquelle accidente, são as mais profundas e mais proximas do principio da syphilis (a). As differenças que separam a adenopathia da adenite consecutiva ás inflammações de causa puramente local, bem como a ausencia ordinaria da adenopathia primitiva no *cancrioide* (b), são reputadas por Diday provas d'uma influencia geral. A adenopathia seria, assim, o effeito d'uma acção geral e local ao mesmo tempo. No entanto, não pôde julgar-se decidida esta questão, que principalmente depende de observação. É comtudo certo que a opinião de Diday dá a razão da frequencia da adenopathia cervical posterior, que, pelo contrario, se não concebe na primeira hypothese.

(a) Hist. nat. de la syphilis, 1863, pag. 128.

(b) Diday emprega este termo para designar a lesão primitiva, produzida pelo virus syphilitico no individuo, que já teve syphilis.

Os prodrómos indicam-nos, que o virus syphilitico vae manifestar sua acção nos diversos órgãos por accidentes, que variam com a natureza dos tecidos. A pelle e a mucosa são quasi logo invadidas, apparecendo os accidentes secundarios propriamente dictos, que consistem, principalmente, em lesões d'estes órgãos.

As syphilides cutaneas podem assumir a fôrma exanthe-matica, vesiculosa, bolhosa, pustulosa, papulosa, escamosa e tuberculosa. O exanthema é o accidente mais frequente, e é tambem, ordinariamente, o primeiro que se manifesta. Algumas vezes, porém, não acontece isto, e podem desin-volver-se simultaneamente differentes variedades de syphi-lides.

As alterações que, na mesma epocha, apparecem nas mucosas, têm muita analogia com éstas. Não obstante, mui-tos syphilographos reduzem-nas á fôrma exanthe-matica, pa-pulosa, e tuberculosa, com o fundamento de serem pouco pronunciadas as outras fôrmas, e podêrem, porisso, com-prehender-se em algum d'estes grupos. A irite syphilitica é geralmente collocada entre os accidentes secundarios.

As lesões secundárias humidas reproduzem o principio que as produziu, e são contagiosas. A acção contagiosa das syphilides sêccas não está demonstrada.

Aos accidentes do periodo secundario podem seguir-se, passado tempo, os accidentes terciarios. É raro desinvol-verem-se antes de seis mezes; algumas vezes, porém, ap-parecem ao mesmo tempo que os accidentes secundarios, ou até os precedem. Os musculos, os ossos, as visceras, e, enfim, todos ou quasi todos os órgãos da economia, podem

ser invadidos neste periodo. A enumeração e apreciação dos variados accidentes terciarios encontram-se em qual-quer tractado de syphilis; e porisso, attento o longo desinvolvimento que exigiriam, omittimol-as neste logar. Demais, do que se sabe a respeito da natureza das manifestações morbidas d'este periodo não nos parece que resultem, para o nosso fim, esclarecimentos que justifiquem o determo-nos num ponto, que alongaria este trabalho, ja extenso.

Neste periodo, é muitas vezes notavel a cachexia syphilitica, que parece depender da aggravação do estado chloro-anemicó, e da multiplicidade e persistencia das alterações locaes. Tudo revela uma perturbação profunda nos phenomenos da nutrição.

Os accidentes secundarios manifestam-se, quasi necessariamente, nos individuos pela primeira vez affectos de syphilis; são geralmente contagiosos, e a sua cura radical é frequente. Os accidentes terciarios, pelo contrario, faltam muitas vezes, não parecem contagiosos, e é rara a sua cura radical.

Em uma interessante memoria, publicada em 1862 sobre reinfeção syphilitica, conclue Diday (a) de muitas observações, que o virus syphilitico não é, em geral, susceptivel de exercer a mesma acção, duas vezes successivas no mesmo individuo. O virus syphilitico não produz, em sua opinião, effeito algum no individuo affecto de syphilis (afóra o o caso de cancro recente); e so dá logar a uma syphilis

(a) De la reinfection syphilitique, des ses degrés et de ses modes divers. Arch. gêner. de médecine, 1862, vol. II, pag. 26, 176, e seguintes.

modificada nos que ja tiveram esta molestia. Neste ultimo caso, os effeitos produzidos consistem, as mais das vezes, 'numa lesão unica com todos os caracteres do cancro infectante (*cancroïde*). Muito menos vezes, declaram-se accidentes geraes mais benignos que os da primeira syphilis (*vérolöide*). Em casos excepçionaes, emfim, os accidentes constitucionaes são mais intensos (*secondes véroles*). D'estes factos, que muito importam ao tractamento da syphilis, deduz Diday a possibilidade da cura radical d'esta molestia.

Pensavam alguns medicos, que o individuo, radicalmente curado da syphilis, não podia ser segunda vez affecto d'esta molestia, em quanto que as observações de Diday nos auctorisam a crer que a aptidão contrária, isto é, para contrahir um novo cancro infectante, é a mais solida garantia da cura radical da syphilis. Aos exemplos de manifestações syphiliticas, desinvolvidas muito tempo depois de se julgar curada a molestia, responde-se com muitos outros, em que nunca se observaram aquelles effeitos, em seguida a um tractamento mercurial, racionalmente dirigido, ou independente d'elle. Ja Ricord presentia a possibilidade da cura completa da syphilis, quando em 1839 dizia «Porque seria a diathese syphilitica a unica que resiste ás modificações que a vida nos imprime? A analogia força-nos evidentemente a crer, que a influencia syphilitica pôde extinguir-se: e, podendo extinguir-se, pôde reproduzir-se.»

EFFEITOS PHYSIOLÓGICOS DO MERCÚRIO E SEUS DERIVADOS

O espirito de systema, influenciado pelas variadas doutrinas médicas, tendo sido causa de se considerar de diverso modo a acção dos medicamentos, não podia deixar de occasionar diferentes interpretações sôbre a maneira de obrar do mercurio, que so a rigorosa observação e experiencia, auxiliadas pelo melhor uso do raciocinio, nos podem fazer conhecer.

Contrariamente ás combinações que destroem o modo de acção proprio de cada um dos componentes, o mercurio e seus derivados possuem, com mui raras excepções, uma acção semelhante na economia. A diversidade nas combinações, de que elle faz parte, não influe essencialmente para alterar o seu modo de acção principal; mas sim é causa de sensiveis differenças, que se observam em sua intensidade. Tudo que dissermos a respeito do mercurio fica, portanto, subentendido, com pequenas modificações, para todos os seus derivados.

O mercurio, bem como a maior parte dos medicamentos, é susceptível de produzir efeitos topicos ou locaes, e geraes ou remotos, conforme elles se limitam ao logar mesmo de sua applicação, ou se manifestam em pontos mais ou menos distantes da economia. Uns e outros podem ser aproveitados no tractamento das molestias venereas, e, porisso, é essencial consideral-os a ambos.

O desinvolvimento dos efeitos geraes póde realizar-se, qualquer que seja o modo de administração, e o logar escolhido para a applicação dos mercuriaes.

A absorpção e transporte pelos vasos, que é incontestavelmente o meio mais importante de transmittir as substancias medicamentosas para produzirem sua acção, verificam-se nos mercuriaes, que, por ésta fórma, vão actuar sôbre os orgãos, em que devem manifestar-se seus efeitos remotos. Está, com effeito, demonstrado o desapparecimento do mercurio da parte a que se applica, seu apparecimento depois no sangue, e sua presença no parenchyma de certos orgãos, e nas secreções, circumstancias éstas, que em qualquer substancia, provam de sobejo a sua absorpção e transporte pelos vasos.

A primeira asserção é um facto de observação vulgar, que os differentes medicos reconhecem. Seria impossivel hoje contestar a désappareição total ou parcial das preparações mercuriaes, quando se applicam na pelle, na mucosa, ou em partes ulceradas.

Segundo experiencias de Colson, o sangue de individuos, submettidos a um tractamento mercurial activo, produz em contacto com o cobre polido, uma amalgama bem caracte-

risada. Oppõem-se-lhe, comtudo, as experiencias de Devergie, Cullerier e Ratier, que nunca obtiveram de individuos mercurialisados indicio de amalgama do contacto do sangue com substancias metallicas diversas. Ainda que o sublimado corrosivo, em solução com alguns centigrammos de chlorureto d'ammonio, de sodio, de potassio, ou de bario, e os saes acidos de mercurio, produzem sôbre o cobre polido uma mancha branca (a), os resultados contradictorios d'estas experiencias são motivo bastante para nos não prevalecermos das de Colson, como meio demonstrativo. Anályses rigorosas do sangue, feitas por Tiedmann e Gmelin, não deixam dúvida alguma sôbre a presença do mercurio neste liquido, a qual outros experimentadores igualmente verificaram.

Na lympha ou no chylo o mercurio tem sido reconhecido em muito menor número de casos. Estes, porém, provam a absorpção das preparações mercuriaes pelos vasos lymphaticos, embora a absorpção venosa preste o principal contingente para a producção dos effeitos remotos d'estas substancias.

Nas obras de Brossavola, Bonnet, Schenkus, Fallopio, Fernel, etc., encontram-se exemplos da existencia do mercurio nas tres grandes cavidades da economia, e em órgãos diversos; e um auctor antigo, diz Swediaur (b), refere um caso, em que os pulmões se achavam crivados de tuberculos, com um pequeno globulo de mercurio cada um. Se

(a) Chimie appliquée à la physiologie e à la thérapeutique. Mialhe, 1856, pag. 414.

(b) Traité complet des maladies syphilitiques, tom. 2.º, pag. 332.

são pouco críveis muitos d'esses casos, não pôde dizer-se assim a respeito d'utros bem averiguados. Schneider reconheceu a existencia do mercurio no rim, e no figado. O sr. B. A. Gomes observou no cadaver d'uma mulher, que tinha usado de mercurio, os ossos da bacia crivados e cheios de pequenos globulos mercuriaes. Hyrtl encontrou tambem tres vezes o mercurio no tecido osseo. Muitos outros casos se apontam, em que não pôde deixar de crer-se.

Para todos, finalmente, é evidente a passagem do mercurio ás secreções. A sua eliminação pelas urinas é incontestavel. Mialhe descobriu a presença d'um preparado de mercurio neste liquido, doze horas depois da ingestão de sessenta centigrammos de calomelanos. No leite, o mercurio não so é denunciado pelas propriedades que o caracterizam, mas pelos effeitos observados nos infantes syphiliticos, que se alimentam com aquella substancia, modificada pela presença d'este agente. Tem elle sido egualmente encontrado no producto da secreção cutanea. A superficie gastro-intestinal é tambem uma via de eliminação do mercurio. O distincto professor de Medicina legal da nossa Universidade encontrou mercurio nas fezes e no tecido do estomago e intestinos de cães, a que se tinha applicado o deutoclorureto de mercurio, depositando-o no tecido cellular sub-cutaneo do dorso (b). Beziere, em fim, demonstrou a presença do mercurio na saliva de individuos, que soffriam ptyalismo mercurial; e Orfila (sobrinho) obteve de suas experiencias os mesmos resultados.

O mercurio, pois, é eliminado pelos variados emuncto-

(b) Sr. Dr. Macedo Pinto, Toxicologia judicial e legislativa, pag. 58.

rios, que a natureza emprega para expellir as substancias estranhas.

Fica, portanto, evidente a absorpção dos preparados mercuriaes, seu transporte pelos vasos sanguineos e lymphaticos, e a sua eliminação pelas diferentes secreções. Em vista d'isto, facil é conceber os effeitos geraes do mercurio.

O mercurio metallico, demorado no tubo digestivo, ou noutra parte, no estado de extrema divisão, é absorvido; e são-n'o tambem os vapores do mesmo metal, como se prova pelos soffrimentos das pessoas empregadas na mineração d'esta substancia, e nas variadas industrias em que ella se emprega. Do mesmo modo, não so o deuto-chlorureto de mercurio, o iodo-hydrargirato de potassio, a maior parte dos saes neutros de sub-oxydo e de protoxydo de mercurio, e outros preparados mercuriaes, soluveis na agua, mas tambem os calomelanos, o proto-iodureto de mercurio, o biodureto do mesmo metal, e outros insoluveis, são susceptiveis de produzirem effeitos geraes pelo mercurio, que a absorpção conduz ao interior da economia. Por não duvidarem d'estes factos, e considerarem a solubilidade como condição essencial para a absorpção, muitos medicos têm admittido, que o mercurio metallico e seus derivados insoluveis so podiam ser absorvidos, tornando-se soluveis, em razão de certas transformações.

É um facto bem demonstrado na sciencia que muitos medicamentos organicos são decompostos, ou entram em novas combinações, antes ou depois de sua absorpção.

A analogia, portanto, não repellia a mesma supposição a respeito do mercurio.

Donovan attribué a acção do mercurio metallico, empregado na pomada mercurial, ao sub-oxydo de mercurio, que elle julga formar-se então; e, por este motivo, substitue ao processo ordinario a mistura directa da gordura com este oxydo. Já era antes a opinião que sustentava Wahren, Vogel e Boullay, depois, vendo que o alcohol, dissolvendo a gordura da pomada mercurial, deixa ver o mercurio no estado metallico, e que o mesmo resultado se não obtem com a pomada, preparada segundo o methodo de Donovan, concluíram porisso, e por outras experiencias mais, que o supposto oxydo, obtido por Wahren, era o mercurio extremamente dividido. Mialhe (a) so admite a presença d'uma quantidade variavel de oxydo na pomada mercurial, antiga, ou preparada com gordura rançosa. Mas, ainda mesmo suppondo verdadeira a opinião de Donovan, com relação a ésta reacção, não ficaria provado, que o sub-oxydo de mercurio é o agente de acção da pomada mercurial.

Com effeito, Mialhe, que particularmente tem concorrido para esclarecer as alterações de composição, que os medicamentos experimentam no seio da economia, deduziu de numerosas experiencias, que o mercurio metallico, e todos os preparados mercuriaes, utilizados em medicina, reagindo sôbre as dissoluções dos chloruretos alkalinos, so, ou debaixo da influencia do oxygenio, produzem alguma porção de deuto-chlorureto de mercurio, ou talvez um chlorureto

(a) *Chimie appliquée a la Physiol. e a la Thérapeut.*, pagg. 446 a 448.

hydrargirico-alkalino. Segundo elle, o oxydo mercurico e os deuto-saes de mercurio produzem, por dupla reacção, sublimado corrosivo, e um novo sal alkalino, e o oxydo mercurioso e os proto-saes de mercurio produzem primeiro proto-chlorureto de mercurio, e, so por segunda reacção, pequena quantidade de sublimado corrosivo. Resulta egualmente das experiencias d'este auctor, que o mercurio metallico, sufficientemente dividido, reagindo ao contacto do ar sôbre as mesmas dissoluções, so, ou com o concurso do acido chlorhydrico, converte-se, em parte, em deuto-chlorureto. Os vapores mercuriaes, enfim, so entrariam em circulação, depois de transformados em sublimado corrosivo (a).

Mialhe tambem demonstrou, que a porção de sublimado corrosivo depende, sobretudo, da quantidade de chlorureto alkalino.

O mesmo auctor, vendo que as reacções mencionadas são muito facéis á temperatura do corpo humano, e que nos differentes liquidos do organismo existem sal ammoniaco, sal commum, oxygenio, e certos acidos, e, portanto, todas as circumstancias que as favorecem, concluiu que os diversos preparados mercuriaes devem seus effeitos geraes na economia ao sublimado corrosivo, ou antes ao chlorureto-hydrargirico alkalino, em que se transformam.

Em harmonia com sua theoria, assegura Mialhe (b) que as mulheres e creanças, que fazem uso de alimen-

(a) Chimie appliquée à la physiologie e à la thérapeutique. Mialhe, pag. 150.

(b) Obra cit pag. 109.

tos menos salgados, são quem melhor supporta os calomelanos; e que, por um motivo analogo, os doentes, ha longo tempo em dieta, toleram, sem inconveniente, doses elevadas da mesma substancia. Pelo contrario, os habitantes das costas, e os marinheiros, e as pessoas que usam habitualmente de alimentos muito salgados, não soffrem indifferente-mente, segundo elle pensa, porções posto que insignificantes de calomelanos (a). Trousseau e Pidoux (b), comtudo, affirmam que a mulher é muito mais sensivel á acção d'este medicamento, do que o homem adulto.

A distribuição dos preparados mercuriaes, segundo a ordem crescente de sua actividade, é feita por Mialhe do modo seguinte: mercurio metallico, proto-iodureto de mercurio, proto-chlorureto, obtido por sublimação, precipitado branco, oxydo rubro de mercurio, biodureto de mercurio, sublimado corrosivo. A actividade relativa dos mercuriaes, deduzida dos ensaios therapeuticos, não concorda ainda exactamente com a que as experiencias de Mialhe fazem suppor. Segundo Trousseau e Pidoux, e outros medicos, o oxydo rubro de mercurio, por exemplo, é o que se segue immediatamente em actividade ao sublimado corrosivo (c).

Tendo, porém, sido ja opinião d'estes dois medicos distinctos, que o biodureto de mercurio era mais energico que o sublimado corrosivo, e sendo certo que muitas vezes al-

(a) *Chimie appliquée à la physiologie et à la thérapeutique*. Mialhe, pag. 686.

(b) *Traité de thérapeutique*, tom. 1.º, pag. 196.

(c) Trousseau e Pidoux, obra cit., pag. 238.

guns preparados mercuriaes não se empregam no estado de pureza, não se póde descrever, de que observações clinicas bem dirigidas venham ainda a confirmar a doutrina do célebre chimico. Por em quanto, muitos medicos não acceitam a conclusão absoluta de Mialhe, notando, alem d'outras razões, que a composição complexa dos liquidos do organismo, e a influencia da vida, fazem muitas vezes com que as reacções se não verifiquem dentro da economia, do mesmo modo por que o fazem fóra.

O que é ponto decidido é que os preparados mercuriaes soluveis, e o mercurio metallico e seus derivados insoluveis por transformações, que podem soffrer, são absorvidos e levados a distancia, para produzirem seus effeitos remotos, que, em geral, so variam na sua intensidade.

O mercurio, medicamento heroico e toxico violento, é um dos mais notaveis perturbadores da economia.

O sangue, verdadeiro agente da vida organica, é a séde das principaes alterações produzidas por elle. Pela acção do mercurio, exercida de modo energico, ou prolongada por algum tempo, o sangue perde parte da côr e consistencia, e torna-se mais fluido. De sua continuação resulta a pallidez da face, e, quasi ao mesmo tempo, a ausencia de côr do resto da pelle, e, num grau mais adiantado, os deramamentos parciaes de serosidade no tecido cellullar, e até a anasarca. Neste periodo podem ja existir palpitações de coração, sons arteriaes diversos, oppressão de respiração, anxiedade, e outras perturbações funcçionaes, que são a consequencia ordinaria da dissolução do liquido nutritivo por excellencia. Este estado do sangue, manifestado por uma

tal variedade de phenomenos, e egualmente denunciado por uma tendencia pronunciada para as hemorragias passivas, foi directamente reconhecido por Bretonneau em animaes vivos, que foram submettidos á intoxicação mercurial, e verificada tambem pelo exame do sangue obtido por meio da phlebotomia practicada no homem, ou pela autopsia de individuos, que succumbiram no decurso d'um tractamento mercurial activo. Attribue-se, por este motivo, ao mercurio e seus derivados uma acção liquefaciente ou dissolvente dos principios plasticos do sangue. Está nisto a razão por que os mercuriaes aproveitam nalgumas molestias phlegmasicas, cuja indicação se costuma particularmente preencher com a applicação dos calomelanos no interior, ou do mercurio metallico, debaixo da fórma de pomada ou unguento na exterior. Os effeitos antiphlogisticos, por ventura mais salientes nestes preparados mercuriaes, procedem, talvez, no entender do sr. Beirão (a), de se podêrem applicar em doses mais elevadas, do que os outros.

Esta explicação oppõe-se ás idéias de Mialhe, que, attribuindo a acção dos calomelanos ao sublimado corrosivo, no qual julga converterem-se, demonstrou, que a porção d'êsta última substancia não depende da quantidade da primeira, pelo que poderia diminuir-se muito a dose ordinaria dos calomelanos, sem causar sensivel differença em seus effeitos (b), e elevar-se, pelo contrário, a dose habitual d'outros preparados mercuriaes, sem o menor perigo.

(a) Compendio de materia medica e de therapeutica, tom. 1, pag. 509.

(b) Chimie appliquée à la physiologie e à la therapeutique. Mialhe, pag. 422.

A conversão successiva dos calomelanos em sublimado corrosivo, e a absorpção gradual d'este nos differentes pontos do intestino, são, na opinião do illustre chimico, a causa do maior poder antiphlogistico d'aquella substancia.

O aparelho digestivo é outro lugar, em que a acção do mercurio se revela por manifestações variadas e importantes. No fim de tempo, que varia com a susceptibilidade individual, natureza e fórma do preparado, lugar de applicação, modo de administração, etc., as gengivas, e, quasi sempre primeiro, as que correspondem aos dentes incisivos inferiores, ou, antes, a algum dente cariado, tornam-se dolorosas, mais rubras, mais quentes e volumosas, e cobrem-se, enfim, d'uma pellicula delgada e branca. As gengivas dos dentes incisivos superiores, depois, e ulteriormente ados outros dentes, a membrana mucosa buccal e da pharynx, passam, de ordinario por esta ordem ao mesmo estado. Neste periodo existe, quasi sempre, secura de bocca, mau cheiro do halito, e um sabor particular. Augmentam estes ultimos phenomenos com o apparecimento do ptyalismo mercurial, que raras vezes se desinvolve, sem que a phlegmasia tenha adquirido certo grau de intensidade. A secreção propria da mucosa da bocca é tambem em excesso. Esta marcha da phlegmasia da mucosa buccal, sempre presenciada por Trousseau e Pidoux, e confirmada pela observação da maior parte dos medicos, faz pensar, que o ptyalismo mercurial não resulta da acção immediata dos preparados mercuriaes sobre as glandulas salivares, mas sim da irritação propagada da mucosa buccal a estes orgãos. Se o ptyalismo progride, é possível sobrevirem tu-

mefação e ulceração da lingua, notavel amollecimento das gengivas, ulceração d'estas e d'outros pontos da mucosa da bocca, o abalo e cahida dos dentes, e até a caria e necrose dos ossos maxillares. O proto-chlorureto de mercurio é o preparado mercurial, que geralmente se considera mais facil em produzir o ptyalismo; e a administração d'elle, em pequenas doses, mas mui repetidas segundo o methodo de Law, parece ser a que mais favorece o apparecimento d'este phenomeno, bem como de todos os effeitos alterantes do mesmo agente. Este facto conforma-se com a theoria chimica de Mialhe, pois que estas circumstancias são incontestavelmente favoraveis á conversão dos calomelanos em sublimado corrosivo. Porém, o ptyalismo, não é um effeito necessario do tractamento mercurial, mas sim constitue um accidente, que as mais das vezes pôde evitar-se. O appetite diminue muitas vezes, e, em alguns casos, manifestam-se nauseas, vomitos, dyspepsia, e diarrheia. As dejeccões, provocadas pelos calomelanos, são quasi sempre biliosas, como tambem costumam sê-lo as que succedem aos outros derivados do mercurio. Segundo Mialhe, o bi-chlorureto de mercurio, em pequenas doses, raras vezes produz effeitos purgantes, porque elle é absorvido no ponto em que se põe em contacto com a mucosa, não podendo, por consequente, chegar aos intestinos.

Um tractamento mercurial, prolongado ou activo, pôde produzir suores copiosos, um ezema mais ou menos extenso, simples manchas, e, num grau mais adiantado, pustulas e ulceras.

O systema nervoso soffre tambem com a influencia do

mercurio. O tremor é por todos considerado um effeito frequente da acção do mercurio, exercida por largo tempo. Trousseau e Pidoux (a) duvidam de que este accidente possa apparecer no principio de qualquer tractamento mercurial, postoque energico. Porém, Diday refere um caso de tremor de mãos, que veio depois da terceira fricção, com um preparadô mercurial, e cessou pouco depois da suspensão do tractamento. Portanto, é fôrça reconhecer a possibilidade do apparecimento do tremor nos primeiros dias da applicação do mercurio.

Suppõe-se geralmente, que o mercurio, passado tempo, pôde produzir certo entorpecimento intellectual, bem como alterações nas faculdades intellectuaes, que conduzem á verdadeira mania. Diday não julga, por emquanto, resolvido este último ponto, por falta de estatistica, que prove a existencia de mais maniacos num determinadô número de individuos submettidos á influencia do mercurio, do que em número egual d'outros, que não soffreram a acção d'este agente; e porque, sendo raro empregar, por muito tempo, este mediamto, nontra molestia que não seja a syphilis, é difficil distinguir aqui o que seja syphilitico d'aquillo que é devido ao mercurio. Não obstante, confessa que observára mais vezes este accidente em syphiliticos que tomaram muito mercurio, do que nos que usaram do mesmo agente com maior moderação, com o fim de combater symptomas graves da syphilis. Tem, pois, fundamento a presumpção de que aquella affecção mental pôde ser o resultado

(a) Traité de thérapeutique, toni. 1.º, pag. 198.

da acção do mercúrio. Outras alterações de sensibilidade e de motilidade, que têm sido attribuídas ao mesmo agente, muito menos determinadas estão ainda.

Ordinariamente, quando o organismo se satura de preparados mercuriaes, absorvidos em doses minimas, nenhum effeito immediato e apreciavel se observa; mas, no fim de algum tempo; começam a apparecer nos apparatus da vida de nutrição alterações, que, augmentando successivamente, podem constituir um estado de summa gravidade. Algumas vezes, contudo, não se tornam sensiveis, e so se notam os tremores e outros accidentes nervosos. Este facto parece indicar uma influencia directa do mercúrio sobre o systema nervoso. Noutro logar nos occuparemos de mais pontos litigiosos relativos a accidentes, que se têm feito depender do mercúrio.

As perturbações lentas, mas profundas, que os mercuriaes operam no sangue, no apparatus digestivo, na pelle, no systema nervoso, e em toda a economia, dão em resultado a cachexia mercurial.

A circulação, durante este periodo, não se conserva indifferente ás modificações effectuadas no organismo pelo mercúrio; mas, passado tempo, principia a notar-se alguma frequencia de pulso, que so é hem sensivel, quando é ja apreciavel a cachexia, ou se se declara diarrheia, a tumefacção da mucosa da bocca e da pharinge ou qualquer phlegmasia. Na falta d'esta, o pulso é de ordinario molle e pequeno, e a temperatura da pelle, levemente augmentada. A febre mercurial, que se torna notavel pelo abatimento de forças, que a acompanha, póde evitar-se pela adminis-

tração do mercurio, conforme o methodo de extincção
(a).

Barbier (b) attribue á febre mercurial, no seu principio, os caracteres d'uma febre inflammatoria, e suppõe o sangue nas condições proprias para a formação da *crusta pleurítica*. Admitte, porisso, no mercurio uma acção primitiva estimulante, de cuja persistencia procederia a perversão na composição do sangue, e na assimilação dos diversos tecidos. Forget (c) repelle tambem a ideia d'uma acção antiphlogistica directa num agente, que produz o eczema e a estomatite mercurial, que suscita a febre, e causa diarréia com colicas. Segundo elle pensa, o mercurio augmenta a plasticidade do sangue, e a liquefacção d'este é, na opinião do insigne professor, um effeito secundario, resultante dos transtornos successivos e profundos, operados pelo mercurio no organismo.

Estas ideias, que por algum tempo vogaram na sciencia, contam hoje poucos defensores.

Com effeito, as alterações locais, de que falla Forget, podem evitar-se, sem que deixe de manifestar-se a febre mercurial, que então não apresenta os caracteres, que competem á febre inflammatoria.

A acção liquefaciente do mercurio, desde o principio, é tambem geralmente reconhecida. Demais, a febre mercurial é acompanhada d'uma prostração notavel, e não da maior actividade organica, que se manifesta em seguida

(a) Trousseau et Pidoux, *Traité de Thérapeutique*, tom. 1.^o, pag. 335.

(b) *Traité de mat. med.*, tom. 3, pag. 639.

(c) *Principes de therap.*, 1860, pag. 233

á acção estimulante. Portanto, a opinião de Forget, que não se deduz necessariamente dos factos, está longe de ser demonstrada; e os caracteres com que se apresenta a febre mercurial também não nos auctorisam a considerar o mercurio como estimulante. Do que dissemos infere-se igualmente, que a febre mercurial pôde estar ligada ás variadas alterações locais, produzidas pelo mercurio, e ás demais modificações effectuadas pelo mesmo agente em toda a economia, e particularmente nos actos da vida organica, que são profundamente pervertidos.

A opinião de Schone, o qual attribue ao mercurio uma acção excitante sôbre o systema capillar arterial, a de Reil, que suppõe que ella se exerce sôbre o systema nervoso, e, em fim, a de Schmidt e de Hecker, os quaes julgam que o systema lymphatico é o logar em que ésta acção se manifesta, não são também justificaveis.

Não julgámos igualmente admissivel a opinião que tem reputado o mercurio como tonico. O mercurio é certamente incapaz de restabelecer o vigor physiologico, quando este tenha descido do grau do tom normal do organismo.

O que deva pensar-se mais a respeito da acção geral dos mercuriaes tem melhor cabimento em seguida ao pouco que vamos dizer sôbre seus effeitos topicos.

EFFEITOS TOPICOS DO MERCURIO E SEUS DERIVADOS. — Os mercuriaes possuem geralmente uma acção topica, que se manifesta por alterações, mais ou menos graves, dos tecidos. Éstas, que dependem da natureza do preparado mercurial, e estão, de ordinario, na razão directa de sua so-

lubidade, variam, desde o simples rubor até os efeitos causticos. Tornam-se evidentes estes efeitos pela applicação dos preparados mercuriaes em qualquer ponto da pelle, ou da mucosa, accessivel á vista, e muitas vezes manifestam-se tambem na mucosa do tubo digestivo pela administração d'estes no interior. O sublimado corrossivo exerce acção desorganizadora sôbre os tecidos que toca. O nitrato acido de mercurio, o protóxydo de mercurio, e os ioduretos do mesmo metal, são egualmente susceptiveis de efeitos causticos. Ésta acção topica dos preparados mercuriaes, que tantas vezes se aproveita para destruir tecidos anormaes, ou modificar outros alterados, torna-os agentes therapeuticos importantes.

O sublimado corrossivo produz nos liquidos albuminosos um precipitado branco e flocozo, solúvel 'num excesso de albumina, nos acidos, nos alkalis mineraes, e nos chloruretos. Lassaigne obteve os mesmos resultados com o precipitado dos liquidos fibrinosos.

As materias organicas, tecidos e orgãos, immergidos 'numa solução de sublimado, combinam-se com elle, adquirem côr cinzenta, e tornam-se imputresciveis. Boulay suppõe, que o deuto-chlorureto de mercurio se converte em proto-chlorureto, o qual fórma com a materia organica um composto insolúvel; e que póde reduzir-se a mercurio, sendo prolongado o contacto. Devergie e Guibourt julgam que o deuto-chlorureto é apenas envolvido pela materia organica, ou se combina directamente com ella. Lassaigne, enfim, concluiu de seus trabalhos, que o precipitado, obtido nos liquidos albuminosos pelo deuto-chlorureto de

mercurio, era um composto de deuto-chlorureto e albumina ou fibrina, em proporções definidas. Hoje é esta opinião a geralmente admittida.

Não está, todavia, demonstrado, que todos os precipitados produzidos nos liquidos organicos pelo sublimado corrosivo, sejam, como assevera Lassaigue, compostos d'esta substancia, e de albumina ou fibrina.

As escharas acinzentadas, produzidas pelo sublimado corrosivo sôbre a pelle, resultam da combinação que elle contráe com a fibrina e albumina.

Esta acção coagulante do sublimado corrosivo é a causa do sabor acre, da constricção e dysphagia, e do sensação de queimadura, que costumam succeder á administração d'esta substancia, pela bôcca, e em certa dôse. É confirmado isto pelo ausencia dos citados phenomenos, quando o sublimado é dado em combinação com um chlorureto alkalino qualquer, porque é sabido que os chloruretos hydrargirico-alkalinos não precipitam a albumina de suas soluções (a).

O precipitado, devido á combinação do sublimado com os principios albuminoides, é transformado, diz Mialhe, pouco depois de se formar, debaixo da influencia dos chloruretos alkalinos, num chlorureto hydrargirico-alkalino, soluvel, e, porisso, apto para ser absorvido, e produzir effeitos geraes. Este, segundo pensa Mialhe, não é decomposto por algum dos elementos do sangue.

(a) Chimie appliquée à la physiologie et à la thérapeutique. Mialhe, pag. 331 e 643.

Segundo este auctor, os chloruretos hydrargirico-alkalinos combinam-se com os principios albuminoides, dando origem a compostos soluveis. Todos os saes soluveis de mercurio, na sua opinião, são egualmente transformados pelos elementos albuminoides em compostos insoluveis, sendo estes, em presença dos chloruretos alkalinos, convertidos em chlocuretos simples, e chloruretos duplos, depois, passando, neste último estado, á torrente circulatoria, para produzirem seus effeitos geraes.

Portanto, é possível que os preparados mercuriaes, no estado de chloruretos duplos, formem uma combinação solúvel com os principios albuminoides do plasma do sangue, e até dos globulos sanguineos. Porém, este modo de ver, não é, por em quanto, mais do que uma presumpção, que nos explicaria a maior parte dos effeitos, pelo menos, dos mercuriaes na economia.

Com effeito, podendo a mais pequena alteração na composição do sangue exercer a maior influencia sôbre o organismo, concebe-se que a supposta acção pudesse ser causa da maior fluidez do sangue, do desarranjo nos actos de assimilação e desassimilação, e, em fim, dos variados effeitos, operados pelo mercurio na economia, em consequencia do obstaculo que ella poria ás metamorphoses que tem de realizar-se neste liquido, como necessarias ao mysterioso phenomeno da vida. Seria até absurdo suppor que o mercurio, incorporado com os elementos do sangue, e, talvez, combinado de certo modo com os principios, essencialmente organisadores, d'este liquido, a albumina e fibrina, não modifica as condições estaticas d'este liquido, de maneira

a produzir, em diferentes órgãos da economia, efeitos remotos importantes.

Parecendo-nos demonstrado que o estado de dissolução, em que naturalmente existem os principios azotados do sangue, e que a integridade dos globulos rubros, dependem, em grande parte, dos compostos salinos, dissolvidos neste liquido, e que estes, em excesso, obstem á coagulação da albumina pelo calor, e retardam a da fibrina, depois de extrahida dos vasos, ousámos emittir a ideia de que a supposta acção do mercurio, equivalendo, talvez, a um predominio d'estes saes no humor sanguineo, poderia assim dar-nos a explicação da maior liquidez, produzida 'nelle pelo mercurio.

A mesma acção do mercurio, não podendo deixar de influir nos actos chimicos de oxydação, que incessantemente se effectuam no sangue, poderia concorrer ainda, por ésta fórma, para este resultado.

É uma ideia, que não vimos formulada, e que aventámos, fundados em simples presumpções.

Porém, tendo ainda por verdadeira a hypothese que hemos considerado, não ficariam desvanecidas todas as difficuldades, porque restava determinar todos os phenomenos, que no sangue se alteram, em seguida a ésta acção do mercurio, e quaes são essas alterações.

O que temos dito serve para confirmar a verdade geralmente reconhecida, que a apreciação da acção primitiva dos medicamentos é uma das partés mais difficeis de todos os estudos medicos.

O mercurio metallico, no estado de divisão extrêma, o proto-iodureto e bi-iodureto do mesmo metal, o deuto-chlorureto de mercurio, e o iodo-hydrargirato de potassio, são os preparados mercuriaes, que mais frequentemente se empregam no interior, para combater a syphilis. O methodo de extincção ou de Montpellier, que consiste em administrar pequenas dôses, dadas com grandes intervallos, e conjuntamente sudorificos ou outros depurantes, é o mais proprio para evitar os accidentes mercuriaes. Todavia, ainda outras precauções se exigem. O mercurio, com effeito, pôde permanecer, por tempo variavel, no seio dos tecidos; e o figado parece ser o orgão, em que elle mais se accumula e demora. A absorpção, e o transporte ao figado da quasi totalidade das particulas medicamentosas, por meio do systema da veia das portas, e a lentidão da circulação nesta viscera, são, provavelmente, o motivo d'isso. Ora, o frio, favorecendo a demora do mercurio no organismo, por se oppor á sua expulsão pela pelle, promove o ptyalismo mercurial e outros accidentes. Este facto justifica o receio de quasi todos os practicos em administrarem o mercurio, quando não exista uma temperatura conveniente para manter em certo grau a transpiração cutanea. Outras causas podem tambem concorrer para tornar mais rapida a absorpção, e mais morosa a eliminação.

É, portanto, possivel que dôses pequenas de mercurio, pela sua repetição, se accumulem no interior da economia, e se elevem a uma quantidade capaz de produzir accidentes graves. Mas, como a eliminação do mercurio se effectua em harmonia com a lei physiologica —, de que as fôrças do

organismo tendem a expellir as substancias estranhas á nutrição ou secreções, a sua accumulacão na economia não se realisará, se o seu emprêgo fôr dirigido em conformidade com os preceitos da sciencia, e subordinado ás condições do doente, e á actividade dos differentes emunctorios, que o devem eliminar.

PRIMEIRA PARTE

Como obra o mercúrio nas moléstias syphiliticas.

Quando se trata de moléstias syphiliticas, a primeira coisa que se deve considerar é a natureza da moléstia, e a sua extensão. Se a moléstia é localizada, e se a extensão é limitada, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é generalizada, e se a extensão é illimitada, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é aguda, e se a duração é curta, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é chronica, e se a duração é longa, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é simples, e se a complicação é pequena, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é complicada, e se a complicação é grande, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é leve, e se a gravidade é pequena, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é grave, e se a gravidade é grande, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é benigna, e se a malignidade é pequena, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é maligna, e se a malignidade é grande, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é curável, e se a incurabilidade é pequena, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é incurável, e se a incurabilidade é grande, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é rara, e se a frequência é pequena, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é frequente, e se a frequência é grande, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é comum, e se a raridade é pequena, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é rara, e se a raridade é grande, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é simples, e se a complicação é pequena, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é complicada, e se a complicação é grande, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é leve, e se a gravidade é pequena, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é grave, e se a gravidade é grande, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é benigna, e se a malignidade é pequena, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é maligna, e se a malignidade é grande, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é curável, e se a incurabilidade é pequena, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é incurável, e se a incurabilidade é grande, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é rara, e se a frequência é pequena, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é frequente, e se a frequência é grande, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é comum, e se a raridade é pequena, o mercúrio é o medicamento mais apropriado. Se a moléstia é rara, e se a raridade é grande, o mercúrio é o medicamento mais apropriado.

PRIMEIRA PARTE

Como obra o mercurio nas molestias syphiliticas?

Sendo impossivel duvidar-se da utilidade dos medicamentos, é mister tambem reconhecer a vantagem e até necessidade de estudar seu modo de acção, no que tanto interessa o futuro da medicina práctica. É ésta a verdadeira direcção para emancipar a therapeutica do empirismo que a tem sempre acompanhado, e garantir o progresso d'uma sciencia, a que tão ligado está o bem-estar da humanidade.

Quanto mais notavel é a energia dos medicamentos, de tanto maior momento são as questões respectivas ao mechanismo de sua acção therapeutica, porque os agentes pharmacologicos mais activos são os que mais valiosos serviços prestam á medicina. É, porisso, da maxima importancia o objecto da nossa dissertação, ao mesmo tempo que nelle se manifesta um justo empenho em tornar cada vez mais racionaes as indicações a preencher.

A syphilis, por ser uma molestia geral com manifestações locais, pôde exigir um tractamento complexo, em que se empreguem meios proprios para combater o que é constitucional, e, outros, para debellar as variadas alterações, que successivamente vão apparecendo na pelle, nas mucosas, nos tecidos fibrosos, nos ossos, e nas visceras.

O mercurio é frequentemente empregado para preencher estas duas indicações, e, porisso, temos de apreciar o seu modo de operar em ambos os casos.

O ponto, mais litigioso por sua obscuridade, e de maior interesse por sua importancia, respeita á acção geral d'este agente, que imos considerar.

Os admiraveis effeitos do mercurio na syphilis excitaram a attenção dos medicos em todos os tempos, desde a descoberta d'este medicamento. Innumerables hypotheses, mais ou menos extravagantes, têm sido imaginadas para explical-os.

Com o dominio das variadas doutrinas medicas nas diferentes epochas da medicina, tem variado a concepção do modo de obrar do mercurio nas molestias syphiliticas.

Os sectarios das doutrinas mechanicas, das doutrinas chemicas, e os vitalistas, vendo a questão a seu modo, resolveram-n'a differentemente.

Na epocha em que as primeiras d'estas doutrinas invadiram a medicina as explicações mechanicas estenderam suas audaciosas pretensões á pharmacodynamia, a que no maior numero de casos se applicavam. Suppunha-se que a acção medicamentosa se revelava por alterações de fórma, de posição relativa, de densidade, e d'outras condições phy-

sicas dos órgãos; e attribua-se a sua variedade, nos diferentes medicamentos, á fórma particular das moléculas de cada um. Estas doutrinas, insustentáveis na generalidade em que foram professadas, têm contudo incontestável applicação a alguns casos.

Auctores ha, que pensaram, que o mercurio actua na syphilis por seu péso. A ésta propriedade deve certamente o mercurio metallico sua acção no curativo do vólculo, hernia estrangulada, e d'outras molestias do tubo digestivo, em que elle se tem empregado, na dóse de cem a quinhentos grammos; mas este resultado, que nenhum derivado do mesmo metal é capaz de produzir, nunca podia auctorisar em relação á syphilis uma hypothese, que nada justifica. O conhecimento da acção d'um medicamento num determinado estado morbido não conduz necessariamente á determinação do seu modo de obrar em todos.

Á extrema divisibilidade e mobilidade do mercurio têm outros attribuido seu poder anti-syphilitico, suppondo que este agente, levado á torrente circulatoria, e por ella á profundidade dos órgãos, ia actuar, em virtude d'aquellas propriedades puramente physicas, sóbre as particulas virulentas, e provocar a sua expulsão pelos diferentes emunctorios.

É outra hypothese, que mal se concebe, e não satisfaz.

Muitos outros tentaram explicar a acção dos mercuriaes por uma influencia exclusivamente chimica, julgando que elles curavam a syphilis, combinando-se com o virus syphilitico, e neutralizando-o. Swediaur, tendo por falsas ou pouco satisfatorias algumas opiniões, emitidas até 1784,

propoz a sua primeira theoria chimica, que consiste em suppor no mercurio uma tal affinidade para o virus syphilitico, que a presença d'estes dois elementos não seria possível, sem se realisar logo a sua união, da qual resultaria um composto com propriedades differentes de cada um dos componentes. O virus, por esta fórma neutralizado, deixaria de ser nocivo; e o organismo, pela administração d'uma dóse sufficiente de medicamento, poderia ser subtrahido á acção perturbadora d'um agente tão poderoso.

Alguns auctores, adoptando mais tarde a acção chimica como base de sua explicação, contestaram esse poder ao mercurio, que consideravam sem influencia directa na syphilis, e so suppunham efficaç pelo oxygenio, que levava ao centro da economia.

Por se attribuirem então propriedades anti-syphiliticas apenas nos compostos oxygenados do mercurio, suscitou-se a questão, se a acção d'estes procedia do mercurio, do oxygenio, ou se ambos estes elementos contribuiam para o mesmo resultado.

Fourcroy foi o primeiro que considerou o oxygenio como principio activo de muitos medicamentos, admittindo nelles uma relação proporcional entre a quantidade d'este elemento e a intensidade da acção medicamentosa. Girtanner, pouco depois, fez applicação d'estes principios aos preparados mercuriaes. Pensava que o oxygenio das combinações oxygenadas do mercurio era posto em liberdade no interior da economia, para exercer a sua acção sobre o virus syphilitico. Porém so Scott lançou os primeiros fundamentos d'esta opinião. Este auctor, persuadido dos mesmos principios, pre-

sumiu que o acido azotico, ou qualquer outra substancia, susceptivel de abandonar com facilidade o oxygenio, devia ser igualmente efficaz na syphilis. Fez, porisso, ensaios com aquella e com outras substancias, e d'estas experiencias concluiu a probabilidade de sua opiniao. Mais tarde, Alyon leu perante a sociedade de medicina de Paris uma memoria, cujo fim principal era demonstrar as propriedades anti-venereas do oxygenio. A facilidade de oxydacao e desoxydacao do mercurio tinha sido, a seu ver, a causa da reputacao grangeada por este medicamento no tractamento das molestias syphiliticas. Apesar de não ter apresentado novas provas, Alyon admira-se de ter encontrado quem attribuisse tal poder a um metal, que, na dose de muitas onças, pode ser ingerido sem incidente grave. «Quem se lembrou nunca, diz elle (a), de considerar o mercurio como anti-venereo?» Aos resultados de suas experiencias oppõem-se outros, que, sob sua direcção, foram observados por Swediaur, que inferiu d'elles não terem as substancias ensaiadas acção alguma sobre os accidentes constitucionaes da syphilis, os quaes, quasi sempre, são combatidos pelos preparados mercuriaes. Mas admittiu, que a acção anti-syphilitica dos mercuriaes não procede exclusivamente do mercurio, senão de sua união com o oxygenio, e, porisso, que o mercurio so no estado de sal ou de oxydo é capaz de manifestar toda a sua energia contra o virus syphilitico, que uma acção puramente chimica tornaria inoffensivo.

Os factos em que se apoiam estas opinioes não eram

(a) *Traité complet des maladies syphilitiques*, Swediaur, tom. 2.º, pag. 311.

concludentes. De feito, o enthusiasmo pelos suppostos resultados das substancias oxygenadas desvaneceu-se em breve, e renunciou-se para logo ao emprêgo d'estas nas molestias syphiliticas.

As experiencias de Pearson, e as que se fizeram no hospital dos venereos em Paris, prestaram solido fundamento a ésta prescripção. Éstas ideias, finalmente, não podiam voagar na sciencia, desde o momento em que se conheceu que o oxygenio não faz parte do deuto-clorureto de mercurio, do proto-iodureto e bi-iodureto do mesmo metal, etc., cujo podêr na syphilis não se pôde contestar.

Era, portanto, necessario reconhecer so no mercurio a virtude anti-syphilitica, verificada ja antes, e reputar mal apreciados os factos, que fizeram abalar uma crença, firmada em grande número de observações.

Por conseguinte sa ao mercurio deve referir-se a pretendida acção neutralisante sôbre o virus syphilitico. Assim pensavam Pressevin, Vacca e Harrisson, os quaes explicavam por leis chimicas a acção dos mercuriaes.

O modo de obrar do mercurio, entendido d'este modo, é analogo ao dos parasiticidas e dos contra-venenos. É uma acção directa sôbre a causa morbida, como ja se suppoz ser no maior número de casos para os medicamentos, quando se faziam depender as molestias de entidades morbidas, introduzidas ou geradas no organismo, e com uma existencia propria e independente. D'est'arte, aos effeitos therapeuticos do mercurio competiria o nome de primitivos, e a este a denominação de *especifico*, na antiga accepção da palavra, porque se considerava *especifica* qualquer acção medicamen-

tosa, exercida por aquelle mechanismo. Debaixo d'este ponto de vista, alguns medicos citam-no como typo dos especificos, e apontam-no ao mesmo tempo para dar uma ideia saliente da applicação empirica dos medicamentos.

Devem-se a Harrisson algumas experiencias, que, se fôsem verdadeiras, poderiam provar a favor da pretendida acção neutralisante do mercurio. Este auctor misturou o liquido d'uma ulcera venerea com um preparado mercurial; e, não tendo obtido resultado algum da inoculação d'esta mistura, diz que se seguiram vários symptomas syphiliticos a ésta operação, feita simplesmente com o liquido proveniente da mesma origem. Seria nma influencia que revelaria uma combinação ou acção reciproca qualquer entre o virus syphilitico e o mercurio.

Todavia a experiencia de Harrisson, que nem sequer mereceu a importancia d'aquelles a que interessava, está em opposição com outras mais bem averiguadas. Com effeito, Trousseau e Pidoux (a) asseveram que o virus syphilitico, associado aos preparados mercuriaes, é muito positivamente inoculavel.

Para confirmar a opinião que impugnámos, tem-se dicto, que os effeitos apparentes do mercurio não podem explicar a acção anti-syphilitica d'este, por serem os effeitos physiologicos inuteis a uma operação, que dizem realisar-se exclusivamente entre as moleculas medicamentosas e o virus syphilitico; e que, pelo mesmo motivo, não devêra surprehender, que o mercurio não produza, em muitos casos,

(a) *Traité de therapeutique*, tom. 1.º, pag. 357.

outros phenomenos apreciaveis, afora as modificações nos accidentes, devidos á presença d'este virus na economia. Robert, vendo que o mercurio exerce sôbre o sangue uma acção dissolvente, cujas consequencias é preciso muitas vezes corrigir, a fim de obter effeitos curativos sensiveis, não considera a acção anti-syphilitica d'este agente como dependente de seus effeitos physiologicos. Admitte, porisso, para este medicamento, alem da sua acção evidente na economia, uma influencia especial sôbre o virus syphilitico, a qual, por emquanto, reputa indefinivel. Muitos outros tambem suppõem no mercurio uma acção directa sôbre o virus syphilitico.

Sem responder ja directamente a estas asserções, limitar-nos-emos a dizer agora quanto baste para se julgar da importancia, que devemos dar á opinião dos que d'ellas se prevalecem.

Está demonstrado que o mercurio não previne o desinvolvimento das primeiras lesões syphiliticas. É, por exemplo, sabido, que as pessoas, que, em virtude da sua profissão, têm de viver constantemente sob a influencia d'este agente, nem porisso são exemptas da syphilis. Outros factos tendem ainda a provar, que o mercurio não preserva de contágio syphilitico, mas apenas combate seus effeitos, depois de declarada a molestia.

Os seus resultados são tambem condicionaes, como os dos outros medicamentos, e, l'num grau, que não parece proprio d'um agente, que cura por uma acção directa sôbre o principio morbido.

Outro argumento pôde ainda deduzir-se da variedade de

relações entre as manifestações syphiliticas e mercuriaes. Casos ha, em que a syphilis, tendo-se aggravado, ou apenas resistido a um tractamento mercurial activo, se dissipou promptamente, quando, depois de combatidos os accidentes mercuriaes, se voltou de novo ao tractamento primitivo, dirigido no sentido de modificar a molestia, sem alterar sensivelmente a constituição. Outras vezes extinguem-se os accidentes syphiliticos, ao passo que se manifestam os accidentes mercuriaes. Outras, enfim, aquelles progridem, apesar da ausencia completa d'estes.

Finalmente, a cura espontanea da syphilis confirma a ideia de que o organismo não é estranho ao resultado curativo, obtido sob a influencia do tractamento mercurial.

Do que deixámos dicto parece-nos podémos concluir, que o mercurio não obra directa e exclusivamente sobre o virus syphilitico para o neutralisar, senão que opéra por intermedio do organismo.

Ficariam assim excluidas as hypotheses, que attribuem o effeito curativo do mercurio a uma acção reciproca qualquer entre elle e o virus syphilitico.

Muitos têm sido os sectarios d'esta opinião, e variadas as ideias para explicar, em harmonia com ella, o mechanismo da acção therapeutica do mercurio.

Quando a medicina humoral dominou quasi todas as escholas medicas, usava-se principalmente dos medicamentos, com o fim de promover evacuações e excitar crises. Pensou-se então, que o virus syphilitico podia ser expellido com a saliva, e, por este motivo, encaminhava-se o tractamento mercurial para produzir a salivacão. O mau cheiro

da saliva serviu de prova a ésta opinião, em quanto não se demonstrou, que o mesmo phenomeno acompanha a salivacão mercurial em pessoas não syphiliticas, e que os mais energicos sialagogos podem augmentar notavelmente a secreção da saliva, sem tornal-a fetida, nem curarem a syphilis. Van Swieten e Astruc ja reconheciam, que a salivacão, longe de ser necessaria á cura, constitue um accidente, que convem evitar. O mesmo factó, verificado depois por outros auctores, para ninguem é hoje duvidoso. A inefficacia d'outros methodos derivativos attesta que não é por evacuações que a syphilis se cura.

Houve ja quem julgasse que a cachexia mercurial era necessaria á cura da syphilis, e que a salivacão a completava pela eliminacão do principio morbido. Todavia, é certo que a alteracão do sangue, propria d'este estado, constitue um accidente grave, que o práctico deve sempre forcejar por prevenir, como mais nocivo, que util.

A hypothese de Darwin é egualmente destituida de fundamento. Suppunha elle, que o mercurio aproveita, promovendo a absorpção da materia de secreção das ulceras syphiliticas. Basta lembrar, que a cicatriscão das ulceras não é signal certo da cura, e que ellas se reproduzem, se porventura são destruidas por applicações locaes, para evidenciar a insufficiencia de tal explicação.

Alguns medicos, considerando o virus syphilitico como elemento de irritacão e inflammação, explicam pela acção anti-phlogistica dos mercuriaes a sua influencia na syphilis. Mas tal persuasão não parece verdadeira, porque o estado phlegmasico não complica sempre as lesões syphiliticas, as

quaes nenhum outro meio anti-phlogistico cura, antes quasi sempre agrava.

Lagneau attribue ao mercurio uma acção excitante sobre toda a economia, e faz depender seus efeitos anti-syphiliticos do estado febril que se declara, e cuja crise seria caracterisada pela expulsão do virus.

Porém, o mercurio extingue muitas vezes a syphilis, sem que produza febre, ou quaesquer phenomenos criticos apreciaveis. Consegue-se este resultado pela administração d'este medicamento, segundo o methodo de Montpellier, o qual, então, não cura a molestia com menos certeza, do que quando se ministram doses sufficientes para provocar alterações notaveis, e, portanto, as differentes evacuações, que costumam seguir as grandes perturbações do organismo.

De mais, na febre mercurial, quando não existe alguma phlegmasia local, dão-se molleza de pulso e abatimento extremo de forças, em vez de exaltação da actividade organica, que caracteriza a acção estimulante. Em conformidade com a mesma explicação, o calorico, o ammoniaco, os oleos essenciaes, o alcohol, e outras substancias eminentemente estimulantes, deviam ser notaveis anti-syphiliticos, o que não acontece.

Outros medicos, talvez por não duvidarem da ausencia de evacuações sensiveis em muitos casos de cura da syphilis, admittiram a mesma acção estimulante, suppondo, porém, que o virus, sob a influencia d'esta, era destruido na economia. As precedentes considerações, applicaveis a este ponto, tornam inadmissivel esta opinião.

Schmidt e Hecker, fundando-se, provavelmente, na pro-

priedade, que tem o mercurio de desfazer certos engurgitamentos dos ganglios lymphaticos, suppõem que elle exerce uma acção excitante sôbre o systema lymphatico, o qual se tornaria mais apto para expellir, ou aniquilar, o virus syphilitico. Mas, se isto fôsse exacto, o iodo parecêra que devia ter sempre a preeminencia sôbre o mercurio.

Schone sustenta que a acção excitante se exerce sôbre o systema capillar arterial, e Reil, sôbre o systema nervoso. As razões, ja expendidas, parecem-nos sufficientes para rejeitarmos as opiniões, que tem pretendido deduzir os effeitos do mercurio na syphilis d'uma acção tonica ou excitante sôbre qualquer systema da economia. Não se pôde attribuir a uma propriedade, que não é do mercurio, um effeito, que não se obtem d'outros medicamentos, que a possuem em grau subido.

Alguem tambem se lembrou da acção debilitante ou sedante, que concedem ao mercurio, como meio de explicação. Estas opiniões so podiam ter justificação nas falsas ideias, que seus auctores formavam da natureza da syphilis. Os effeitos anti-syphiliticos do mercurio não parecem resultar somente de mudanças para mais ou para menos nos actos organicos, do mesmo modo que não podêmos fazer consistir a syphilis, unicamente, em alterações correspondentes.

O mercurio, que tão grande podêr tem contra a syphilis, não podia ser destituido de certa energia, porque um medicamento de acção leve e passageira fôra incapaz de

tornar-se um agente curativo de tanta importancia 'numa molestia, que ataca profundamente a constituição. Effectivamente, o mercurio, que por certo é o anti-syphilitico por excellencia, é tambem o mais notavel dos alterantes.

Demais, o mercurio, manifestando sua energica influencia na economia por alterações, sôbre tudo salientes nos actos da vida organica, fazia conceber a possibilidade de sua efficacia 'numa molestia, que, em suas variadas manifestações nos tecidos e no sangue, revela bem claramente uma grave offensa nos mesmos actos.

Por conseguinte, a syphilis, que tão notavelmente modifica os differentes órgãos, so 'numa acção perturbadora correspondente podia achar o seu mais forte recurso; e o mercurio, capaz de exercer ésta, pôde dever a ella o poder, que tem, de combater as alterações organicas e funcçionaes de natureza syphilitica.

Mostra a observação que os medicamentos capazes de manifestar uma acção energica e profunda, são aquelles que mais utilisam no curativo das molestias. Ora, ésta relação proporcional entre os effeitos physiologicos e therapeuticos, que se tem aproveitado para demonstrar a íntima connexão d'estas duas ordens de effeitos, realisando-se no mercurio a respeito da syphilis, contribue para provar que os effeitos physiologicos d'este agente não são inuteis á acção curativa d'elle. É certo, que os effeitos apparentes, pelos quaes se traduz a acção do mercurio na economia, não são indispensaveis á cura da syphilis, a qual algumas vezes tem logar, sem que elles claramente se manifestem. Mas estes factos não provam contra a existencia de modificações

intimas, que por algum tempo se nos podem occultar. Assim o tractamento alkalino, que muitas vezes é de bastante utilidade nas affecções gottosas, pôde produzir graves consequências, se é conduzido de maneira que torne patente sua acção alterante; e, comtudo, não se explica o beneficio d'este tractamento nestas molestias por um mechanismo differente do que preside ao desinvolvimento de seus effeitos alterantes apreciaveis. E, em geral, os alterantes, administrados em doses pequenas, e por tempo, exercem sua acção curativa d'um modo gradual e successivo, sendo quasi sempre pouco apreciaveis os effeitos physiologicos, que lhe dão causa.

A analogia entre alguns effeitos do mercurio, e certas alterações syphiliticas, admittida pelo chefe da doutrina homeopathica, e que com outras concorreu para que Hahnemann fundasse o princípio da similitude de acção dos medicamentos e das causas morbidas, de que elle pretendeu fazer a lei fundamental da therapeutica, sirva-nos neste lugar de recordar-nos a particularidade que tem este agente de exercer principalmente a sua influencia sôbre orgãos, que são tambem os que a syphilis mais constantemente invade. As alterações, produzidas pelo mercurio na pelle e mucosa, que são a séde das manifestações syphiliticas, que elle com mais segurança combate, exprimem uma especialidade de acção, em perfeita harmonia com a nossa opinião.

Julgámos, pois, não podêr designar-se, no estado actual da sciencia, a verdadeira relação existente entre a acção anti-syphilitica do mercurio e seus effeitos physiologicos; porque, alem de se não podêr affiançar, que se conhecem

a fundo as modificações íntimas, de que tal medicamento é susceptível, ignoram-se, até, as que convem oppor ás alterações, que elle combate. Mas, pelas razões ponderadas, cremos que os effeitos physiologicos do mercurio são necessarios a seus effeitos therapeuticos, e que, so por intermedio d'elles, se verifica a acção anti-syphilitica do mesmo agente.

No modo diverso, por que os órgãos obedecem á influencia do mercurio e dos outros alterantes, estará o motivo de sua preeminencia em certas fórmias syphiliticas. De resto, á medida que formos penetrando no íntimo do organismo, para apreciarmos a verdadeira natureza das alterações, que constituem a syphilis, e ao passo que melhor conhecermos a acção íntima do mercurio, mais nos approximaremos do mechanismo real da acção, que se antevê, sem ainda poder demonstrar-se.

Qual é a acção topica do mercurio nas molestias venereas?

Como este ponto é secundario, pouco nós deteremos nelle.

A applicação local do mercurio, em certo periodo dos bubões, pôde contribuir para a resolução d'estes. Costuma empregar-se em pomada, unguento ou emplasto, para preencher esta indicação. O resultado obtido é devido, segundo Graves (a), a uma influencia distincta, e completamente independente da acção geral do medicamento. Aponta elle, como prova, o desaparecimento dos bubões pelas fricções

(a) Leçons de clinique médicale, tom. 1.º, 1863, pag. 628.

mercuriaes, sem que se tenha manifestado o menor indício de estomatite; e os effeitos curativos, observados em diferentes casos, seguidamente á applicação topica de certos preparados mercuriaes. O primeiro fundamento nenhum valor nos merece, por não ser a estomatite uma consequencia necessaria da acção geral do mercurio, e o segundo perde toda a força, pela certeza de que o mercurio é absorvido em taes casos. Parece-nos antes mais natural explicar o phenomeno pela acção liquefaciente do mercurio, a qual egualmente justifica os bons resultados, que algumas vezes se têm colhido do seu emprêgo na hepatite, e noutras phlegmasias chronicas.

Os mesmos, ou differentes preparados mercuriaes, tambem se empregam no tractamento de alguns accidentes secundarios e terciarios da syphilis, sem que ainda estejam bem determinadas as condições de sua efficacia, que, no entanto, é geralmente admittida. Ainda aqui póde ésta depender da acção geral do mercurio, e tambem de alguma modificação local, nem sempre bem determinada.

A acção topica dos mercuriaes, mais manifesta, é a que se obtem do sublimado corrosivo, do protoxydo de mercurio, do nitrato acido de mercurio, etc., os quaes algumas vezes se utilisam no curativo dos cancrios e d'outras lesões de natureza syphilitica. O modo de obrar d'estes agentes é analogo ao dos outros causticos, que, segundo alguns medicos, operam por acção substitutiva, aproveitando, não por se produzir uma molestia medicamentosa, semelhante á natural, mas por se destruir ésta, talvez antes em virtude da lei dos contrarios, que pelo principio dos semelhantes.

Não contestámos que 'neste caso se verifique a substituição d'uma lesão por outra de mais facil cura; mas, sem attribuirmos ésta á lesão artificial, supponmos, sim, que ella resulta da destruição completa dos tecidos affectos. Os causticos, em nosso entender, devem á sua acção destructiva seus effeitos curativos nas lesões, que tocam. Os preparados mercuriaes causticos destroem os tecidos pelas reacções chimicas que exercem sôbre seus principios albuminoides. Ao redor da porção de tecido, assim destruida, realisa-se um trabalho inflammatorio, que tende a eliminá-la, e a faz substituir por uma solução de continuidade com perda de sub-stancia, que pôde em breve cicatrizar.

...as condições que neste caso se verificam a saber:
 1.ª) a existência de um grau de malícia ou de intenção
 suficiente para que o autor do facto se considere
 responsável pelo mesmo; 2.ª) a existência de um
 grau de dolo suficiente para que o autor do facto
 se considere responsável pelo mesmo; 3.ª) a
 existência de um grau de culpa suficiente para que
 o autor do facto se considere responsável pelo
 mesmo; 4.ª) a existência de um grau de
 negligência suficiente para que o autor do facto
 se considere responsável pelo mesmo; 5.ª) a
 existência de um grau de imprudência suficiente
 para que o autor do facto se considere responsável
 pelo mesmo; 6.ª) a existência de um grau de
 imperícia suficiente para que o autor do facto
 se considere responsável pelo mesmo; 7.ª) a
 existência de um grau de ignorância suficiente
 para que o autor do facto se considere responsável
 pelo mesmo; 8.ª) a existência de um grau de
 erro suficiente para que o autor do facto se
 considere responsável pelo mesmo; 9.ª) a
 existência de um grau de força maior suficiente
 para que o autor do facto se considere responsável
 pelo mesmo; 10.ª) a existência de um grau de
 caso fortuito suficiente para que o autor do facto
 se considere responsável pelo mesmo; 11.ª) a
 existência de um grau de necessidade suficiente
 para que o autor do facto se considere responsável
 pelo mesmo; 12.ª) a existência de um grau de
 estado de necessidade suficiente para que o autor
 do facto se considere responsável pelo mesmo; 13.ª)

SEGUNDA PARTE

...com vantagem no tratamento das mesmas...
 ...a saber: 1.ª) a existência de um grau de malícia
 suficiente para que o autor do facto se considere
 responsável pelo mesmo; 2.ª) a existência de um
 grau de dolo suficiente para que o autor do facto
 se considere responsável pelo mesmo; 3.ª) a
 existência de um grau de culpa suficiente para que
 o autor do facto se considere responsável pelo
 mesmo; 4.ª) a existência de um grau de
 negligência suficiente para que o autor do facto
 se considere responsável pelo mesmo; 5.ª) a
 existência de um grau de imprudência suficiente
 para que o autor do facto se considere responsável
 pelo mesmo; 6.ª) a existência de um grau de
 imperícia suficiente para que o autor do facto
 se considere responsável pelo mesmo; 7.ª) a
 existência de um grau de ignorância suficiente
 para que o autor do facto se considere responsável
 pelo mesmo; 8.ª) a existência de um grau de
 erro suficiente para que o autor do facto se
 considere responsável pelo mesmo; 9.ª) a
 existência de um grau de força maior suficiente
 para que o autor do facto se considere responsável
 pelo mesmo; 10.ª) a existência de um grau de
 caso fortuito suficiente para que o autor do facto
 se considere responsável pelo mesmo; 11.ª) a
 existência de um grau de necessidade suficiente
 para que o autor do facto se considere responsável
 pelo mesmo; 12.ª) a existência de um grau de
 estado de necessidade suficiente para que o autor
 do facto se considere responsável pelo mesmo; 13.ª)

SEGUNDA PARTE

Haverá algum medicamento, que possa substituí-lo com vantagem no tractamento das mesmas molestias?

O problema enunciado é um dos que mais pôde interessar á medicina práctica. Tem elle sido sempre objecto de discussão nas differentes epochas, e na actualidade está merecendo, em diversos paizes, a attenção dos medicos mais illustres.

Para esclarecimento d'esta questão, cumpre determinar a influencia curativa do mercurio nas molestias venereas, e tomar na devida conta os accidentes que podem seguir-se ao tractamento mercurial.

As considerações expendidas ácerca da natureza da blennorrhagia, do cancro simples, e do cancro infectante, devem ter teito antever, em parte, a solução que lhe damos.

Quasi todos os syphilographos concordam na inutilidade do mercurio no tractamento da blennorrhagia, e reconhecem, ao contrário, a efficacia dos meios locais, e do tractamento pelas cubebas e copaiba, em certos periodos d'esta molestia. A theoria fazia presentir o que elles deduziram de sua rigorosa observação. Longe, porisso, de nos pronunciar-mos pelo emprêgo constante do mercurio na blennorrhagia, como aconselha Delpach, somente o julgámos susceptivel de justificação, quando, no decurso d'esta molestia, se declarem symptomas constitucionaes (a).

O emprêgo do mercurio no cancro simples não se conforma igualmente com a supposta natureza d'esta affecção; e os factos demonstram, em harmonia com isto, que a therapeutica presta mais um fundamento á doutrina do dualismo. Effectivamente, Rollet (b), Diday (c), e outros muitos syphilographos, asseveram, que a cauterisação é sufficiente para extinguir o cancro simples, e que o tractamento mercurial, pelo contrário, é constantemente inefficaz e arriscado. Este tem sido tambem o resultado da longa observação de Nodet. Se o tractamento da blennorrhagia, diz este auctor, póde resumir-se na unica palavra — *antiphlogistico*, — uma palavra so — *cauterisação* — resume melhor que tudo o tractamento do cancro simples.

(a) Isto importa talvez o mesmo que banir o mercurio da therapeutica de blennorrhagia, attenta a grande probabilidade de não podêrem observar-se taes symptomas nos corrimentos, que não dependerem d'um cancro.

(b) Recherches clin. et expériment. sur la syphilis, le chancre simple et la blennorrhagie, 1862, pag. 23.

(c) Hist. nat. de la syphilis, pag. 9.

Pensam, porém, que o cancro infectante, embora seja modificado pela cauterisação, não se cura, nem seus effeitos geraes se previnem. O cancro infectante, diz Henri Lee (a), que é destruido no mesmo dia da sua apparição, continúa a desinvolver-se, e produz seus effeitos habituaes. Seria até impossivel evitar a infecção geral, eliminando o cancro infectante por meio d'um instrumento cortante. O proprio Robert (b), contrario á opinião da dualidade do virus, reconhece isto mesmo. Convencido da impossibilidade de destruir o cancro infectante pela cauterisação, Robert adhere á prática de Diday, que a rejeita, desde que não duvida da existencia d'um cancro infectante; e, todavia, julga-a bastante para aniquilar o cancro simples. Em vista d'isto, e das ideias, que expozemos a respeito da natureza do cancro simples, reputámos imprudente o recorrer ao mercurio contra qualquer lesão venerea com os caracteres d'esta affecção, em quanto se não manifestarem alguns dos symptomas geraes, que o mercurio costuma combater. Equivale isto, em nosso julgar, a proscrever o mercurio dos meios internos do tractamento do cancro simples. Assim procedemos de accôrdo com o preceito de grande número de respeitaveis syphilographos, que so aconselham este medicamento contra o cancro infectante.

D'est'arte, o mercurio, que, em certa epocha, era prescripto em todas as molestias venereas, considera-se como inutil e perigoso na maior parte dos casos. Se o mercurio,

(a) Leçons sur la syphilis, pag. 25.

(b) Nouveau traité des maladies vénériennes, pag. 391.

diz Rollet (a), tivesse de se empregar contra o cancro simples e a blennorrhagia, mais valia banil-o da materia medica.

Portanto, qualquer medicamento, susceptivel de modificar favoravelmente a blennorrhagia e o cancro simples, poderá substituir com vantagem o mercurio no tractamento d'estas molestias.

Não se quiz certamente exigir de nós a apreciação dos variados meios, applicaveis a molestias, que o mercurio não parece curar, ou mesmo melhorar, e que alguns medicos so tractam por este medicamento, porque as attribuem á mesma causa, e consideram capazes de efeitos constitucionaes.

O cancro infectante, e o mixto, com seus efeitos consecutivos parecem os unicos, que podem receber beneficio do mercurio. Neste campo vamos tractar a questão.

O mercurio, empregado ao principio pelos medicos arabes contra a lepra e outras molestias, so em 1497 começou a figurar entre os meios de tractamento da syphilis.

Widmann, attrahido pela similhança d'estas duas enfermidades, foi o primeiro que ensaiou contra a syphilis a applicação do mercurio no exterior, da qual se não fez uso extenso antes de 1514. Jean de Vigo, Beranger e Vidus Vidius, foram os que concorreram mais para generalisar o methodo das fricções e fumigações, de que se abusou tanto, que muitos doentes preferiam a morte a um tractamento

(a) Recherches clin. et experiment. sur la syphilis, le chancre simple et la blennorrhagie, pag. 583.

tão barbaro. Toda a serie de accidentes deploraveis, que o mercurio é capaz de originar, era a consequencia ordinaria de applicações imprudentes, que se podem julgar pelas seguintes expressões de Helrich de Hutten, com referencia ás fricções: «O unguento operava com tanta fôrça, que a garganta e a larynge se ulceravam, as gengivas entumeciam, os dentes abalavam, e da bôcca corria incessantemente uma baba asquerosa, capaz de infectar tudo o que tocava.» Fallopio, fallando das fumigações, diz-nos, que o doente salivava excessivamente durante sete ou oito dias.

Em 1535 Mathiole ousou, pela primeira vez, a administração do mercurio no interior. Reproduziu-se depois em grande escala esta applicação. Por tal fórma, porém, se dirigiu, que os desastres que occasionou foram nova causa de descredito para o mercurio.

O excessivo abuso d'um agente therapeutico tão heroico, e, mais tarde, a extensão do tractamento mercurial a todas as molestias venereas, dão razão sufficiente dos violentos ataques, feitos, nas differentes epochas, a um medicamento importante, posto que nocivo, quando se emprega em doses elevadas. Estes motivos, e a descoberta de outros medicamentos, a que se attribuia notavel poder curativo, fizeram que muitos medicos do seculo XVI desprezassem o mercurio. No entanto, ao lado de respeitaveis anti-mercurialistas viam-se Fracastor, Botal, Rondelet, e outros distinctos mercurialistas. No seculo XVII e XVIII o tractamento mercurial foi de novo seguido pela maior parte dos medicos, como unico efficaz. A esta pausa, porém, a mais longa e pacifica da historia do mercurio, succedeu uma viva reacção

da qual resultou a proscricção quasi completa d'este medicamento, que, so mais torde, tornou a ser empregado.

Desde 1813, Rose, Guthrie, Thompson e outros, não contestando a efficacia do mercurio em certos casos, mostraram-se afeiçãoados ao tractamento simples. Mac Grégor e Francklin empenharam egualmente suas forças em demonstrar a superioridade d'este tractamento. Jourdan, em 1816, declarou-se antagonista do mercurio, por suppor locaes todas as molestias venereas. Foi tambem ésta a opinião de Broussais e de seus sectarios. Distinguiram-se ainda por suas ideias anti-mercurialistas Devergie e Desruelles. Neste periodo, enfim, o partido anti-mercurialista ganhou em diferentes paizes numerosos adeptos, embora alguns dos mais crentes o abandonassem depois.

Medicos têm havido, que se tornaram anti-mercurialistas por attribuirem ao mercurio muitos accidentes, tidos como syphiliticos. Nos ultimos tempos, Hermann e Lorinser ousaram sustentar, que os suppostos accidentes secundarios e terciarios da syphilis eram, na maior parte, causados pelo mercurio, empregado no tractamento d'esta molestia. A fim de combater ésta hypothese, eminentemente erronea e perigosa, Singer declarou, logo depois, que quatorze doentes, affectos de syphilis primitiva, e tractados por Hermann durante seis semanas, apresentavam variados accidentes constitucionaes, quando passaram para a enfermaria, a cargo de Sigmund, no mesmo hospital. Rose, Guthrie, Hill, Thompson, Mac Grégor, Francklin e outros, sequazes do tractamento sem mercurio, viram muitas vezes manifestar-se symptomas geraes. A práctica de outros muitos syphilographos abunda

em exemplos de erupções cutaneas diversas, ulceras, adenopathias, periostites, osteites, exostoses, dôres osteócopas, tumores gommosos, etc., desinvolvidos em individuos syphiliticos, que nunca tinham usado de mercurio. Quasi todos os medicos, finalmente, têm observado casos identicos, e debellado pelo mercurio accidentes, que d'elle se suppunha dependerem.

Lorinser respondeu ainda a algumas accusações, dizendo que os accidentes mencionados so deveram existir em individuos, que, para qualquer fim, tinham anteriormente feito uso do mercurio, e, que, em todos os casos, houvera uma hydrargyrose chronica, que a syphilis primitiva tornara patente. Funda-se este auctor na presença do mercurio nas urinas de doentes syphiliticos, tractados com este medicamento, e na possibilidade de sua permanencia nos tecidos, por muitos annos, sem que se revele 'naquelle liquido, onde elle diz que apparece pela administração do iodureto de potassio, coincidindo quasi sempre então a cura dos accidentes com a eliminação completa do mercurio. Porém as experiencias de Waller e de Schneider são contrárias á retenção prolongada do mercurio no organismo. Este último auctor deduz de suas experiencias, que a eliminação do mercurio pelas urinas continúa, quasi invariavelmente, durante a semana seguinte á suspensão do tractamento, raras vezes se prolonga até á quarta, e, so por excepção, até á sexta. Passados alguns mezes, diz elle, o iodureto de potassio jamais faz reaparecer o mercurio nas urinas, porque ja então não existe na economia. Não lhe foi tambem possível reconhecer a existencia do mercurio nos ossos, no

no cerebro, no baço, etc., e, apenas, no rim, em quantidade infinitesima, num individuo que succumbira dois mezes depois d'um tractamento mercurial activo, e que por mais vezes tinha recorrido a elle. L. Orfila fez numerosas experiencias, das quaes inferiu ser o mercurio eliminado no fim d'um mez. Não desconhecemos a difficuldade, que ha em fixar o tempo durante o qual o mercurio, ou qualquer outro medicamento, póde permanecer no interior da economia. Todavia, ha fundamento para pensar, que não devem ser frequentes os casos de demora d'aquelle medicamento, prolongada alem do termo maximo, indicado nestas experiencias. A importancia da objecção de Lorinser cae em presença d'esta conclusão.

Os exemplos de cura de alguns accidentes terciarios, ao passo que se verifica a eliminação do mercurio pelo iodureto de potassio, tambem os não accetámos como provas de valor. A sahida do mercurio do organismo, sob a influencia do iodureto de potassio, se é real, póde proceder da conversão do mercurio em preparado soluvel, ou da maior actividade imprimida por este medicamento ás funcções nutritivas. Forçoso é, pois, reconhecer a pouca valia dos principaes fundamentos da opinião de Hermann e Lorinser, a qual igualmente vae de encontro á observação de quasi todos os practicos.

No entanto não deixa de ser ponto controverso, se o mercurio é causa de certos accidentes, que algumas vezes têm sido presenciados em individuos, sôbre que elle actuára. Hermann concluiu de suas observações nos operarios de Idria, e de esclarecimentos, que ahi lhe foram ministrados dor

Goerbez, que o mercurio produz diversas lesões osseas, em tudo semelhantes ás alterações que se attribuem á syphilis. Todavia, sendo certo terem apenas apparecido dois casos de cária em 516 operarios de Idria (a), e que Hermann, em sua viagem áquella localidade, somente encontrára em 30 doentes, dois com cária, e um affecto de periostite e necrose, não vemos 'nestes factos fundamento para justificar semelhante conclusão. Com effeito, os poucos casos observados não provam que aquelles accidentes sejam, nos individuos mercurialisados, superiores em número aos que se dão em qualquer reunião de individuos 'noutras condições, e nos quaes, por outra causa, se poderiam ter desinvolvido. Virchow não julga demonstrada a asserção de Hermann. Mitscherlich assevera que os operarios de Idria não são sujeitos á cária. As observações de Jungken, Singer e Pappenheim são-lhe tambem contrárias. Diday (b) duvida egualmente de que o mercurio possa produzir a cária. Não obstante, são innegaveis os casos, que se referem, de cária e necrose dos ossos maxillares, em seguida á estomatite mercurial.

Graves dá tambem por averiguado, que o mercurio produz a periostite e osteite, e predispõe notavelmente, e por muitos annos, para éstas molestias, as quaes, depois de um tractamento mercurial activo, se declaram, segundo elle, com extrema facilidade, sob a influencia do frio, da humidade, ou de qualquer causa occasional, pouco importante. Os casos, referidos por este auctor, de desinvolvimento

(a) Gaz. hebd., 1859, pag. 287.

(b) Hist. nat. de la syphilis, pag. 159.

d'estes accidentes, quasi logo, ou annos depois do emprêgo do mercurio, não bastam para convencer-nos da verdade d'esta asserção, porque quasi sempre o apparecimento d'estes accidentes coincidiu com a acção de causas, sufficientes para o explicar. Refôrça ésta dúvida a raridade d'estes accidentes nos individuos que respiram constantemente vapores mercuriaes. Sem embargo, não ficámos auctorisados a contestar ao mercurio a possibilidade de producção de taes accidentes, cujo desinvolvimento não nos poderia surprehender, vista a tendencia, que este metal tem para se accumular no parenchyma dos ossos.

A cephaléia e alopecia podem ser aggravadas com o mercurio, mas não ha factos, que prôvem, que elle seja capaz de causar por si so estes accidentes. As dores, que, nas pessoas influenciadas pelo mercurio, se tem comparado ás osteócopas, são, segundo affirmam Trousseau e Pidoux, tão raras, que alguem as suppõe independentes do mercurio, e de natureza rheumatica. É impossivel, porém, affiançal-o; e nem repugna admittir, que este accidente possa seguir-se á acção d'um agente, que altera profundamente o sangue, e influe sôbre o systema nervoso.

Tem-se ainda attribuido ao mercurio os tumores gomosos, a degeneração lardácea do figado e baço, e muitas outras alterações. Não existem, comtudo, observações rigorosas, que demonstrem que o mercurio, independente da syphilis, produza estes accidentes, quando é bem sabido que ésta os tem muitas vezes provocado em casos, em que se não tinha feito uso algum do mercurio.

Diday refere alguns exemplos de accidentes apopleti-

formes, desinvolvidos no decurso do um tractamento iodo-auro-mercurial, e que até por vezes se aggravaram com a continuação d'este. No entanto, faltam os elementos precisos para se decidir o que nestes phenomenos pertença à syphilis e o que seja devido ao mercurio, e a cada um dos outros medicamentos.

As variadas alterações, produzidas pelo mercurio na pelle, na mucosa, nos ossos maxillares, no systema nervoso, e no sangue, apresentam, ordinariamente, caracteres taes, que raro é embaraçoso o diagnostico entre éstas manifestações, e as da syphilis nos mesmos tecidos.

Consequentemente, não podêmos ser anti-mercurialistas, accetando o fundamento com que Herrmann e Lorinser procrevem o mercurio.

Os soffrimentos dos operarios, que vivem constantemente expostos ás emanções do mercurio, tambem não podem servir de motivo para exterminar o tractamento mercurial, pois que elles so respiram um ar impregnado de vapores mercuriaes, e a eliminação, portanto, deixa de effectuar-se, como quando se administram doses medicamentosas, em harmonia com os preceitos da sciencia.

Não obstante, medicos ha que, apesar de attenderem somente aos accidentes, que o mercurio certamente produz, e que mais vezes succedem á sua acção na economia, dirigida com um fim therapeutico, não seguem, ou antes limitam muito, seu emprêgo na syphilis.

A estomatite mercurial é um dos accidentes mercuriaes mais dignos de temer-se pela sua frequencia, e pela gravidade que póde assumir. O mais rigoroso tractamento é

capaz de provocar esta affecção. Comtudo, isto não é frequente, e mais raro é ainda apresentar-se ella, logo no principio, com grande intensidade. Se ha exemplos, que manifestam extrema susceptibilidade das gengivas para o mercurio, tambem existem outros, que revelam um estado opposto. São idiosyncrasias, como frequentemente se observam debaixo da influencia dos medicamentos, ainda os mais innocentes. Um tractamento regulado em harmonia com os preceitos da sciencia, e subordinado ás condições do doente, previne as mais das vezes este accidente; e, suspendendo-se, ao apparecerem indicios d'este, raro acontecerá, que progrida, sendo mesmo raro não se verificar a cura, a qual, ordinariamente, se abrevia pelos meios convenientes.

A dyspepsia rebelde, que algumas vezes tem sobrevindo ao tractamento mercurial, é um accidente rarissimo. Demais, devendo ser lenta a sua evolução, o medico pôde suspender o tractamento, logo que se mostre persistencia nos primeiros symptomas.

O abatimento geral, que o mercurio produz, so costuma pronunciar-se, quando o tractamento se prolonga por largo tempo. Fóra d'isto, os accidentes nervosos são tambem excepçionaes.

O frio favorece notavelmente o desinvolvimento dos accidentes mencionados. Os graves resultados da applicação do mercurio, durante a epidemia de Chenusson, sob a influencia do frio intensissimo de janeiro de 1826, evitar-se-iam mui provavelmente no estio, segundo observa Trouseau.

Os individuos de temperamento lymphatico, de consti-

tuição escrofulosa, debeis, predispostos para hemorragias, etc., são aquelles em que o mercurio melhor manifesta sua influencia nociva.

É forçoso, pois, reconhecer, que o mercurio é um agente, energico, cujo emprêgo pôde ser seguido de accidentes tão graves, que se torna indispensavel a maior prudencia na sua applicação. Comtudo, se o mercurio, administrado em doses elevadas, em pequenas doses, continuadas por longo tempo, ou applicado intempestivamente, arrasta frequentemente a consequencias graves, é necessario que nos convençamos, de que o tractamento mercurial, dirigido com methodo e prudencia, quasi nunca deve ser nocivo. Aos lamentaveis resultados, que o mercurio causou, durante muito tempo, nas mãos dos empiricos, e dos antigos medicos, podemos, as mais das vezes, obviar hoje.

Tem-se ainda tentado peiorar a situação dos mercurialistas com dúbidas a respeito do grau do poder curativo do mercurio na syphilis. Este é um ponto digno de attenção, e que muito conviria esclarecer.

O poder curativo do mercurio na syphilis tem sido geralmente reconhecido, desde os primeiros tempos da sua applicação a ésta molestia. O desprezo por este medicamento nas differentes epochas deve-se especialmente ao receio de seus accidentes. Porém, a restricção de seu emprêgo na actualidade provém tambem, em parte, da falta de crença em seus resultados. Com effeito, nos ultimos tempos, muitos practicos têm querido depreciar a importancia do mercurio, como agente therapeutico de syphilis. Sôbre a preeminencia do tractamento simples e mercurial tem sustentado

viva discussão os medicos de diversos paizes da Europa, entre os quaes reinam ainda a este respeito as maiores dissensões. A serie de elementos contradictorios, que se têm publicado sôbre esta questão, tornam impossivel o tirar uma deducção precisa da confrontação das duas ordens de tractamentos.

Rose, sendo cirurgião de um regimento, tractou sem mercurio 148 doentes, affectos de caneros, um terço dos quaes, diz Rollet, appresentou symptomas constitucionaes. Guthrie, no hospital de York, absteve-se egualmente do tractamento mercurial em perto de 100 doentes com caneros, e só, em seis casos, observou accidentes consecutivos. Thompson apenas presenciou symptomas constitucionaes na décima parte dos doentes, em que não empregou mercurio. Hill, d'entre 339 casos, só em 19 viu desinvolverem-se symptomas geraes, que diz terem desaparecido com o descanso, dieta rigorosa, sangria, purgantes, etc. Mac Grégor e Franklin tractaram sem mercurio, desde dezembro de 1816 até dezembro de 1818, 1940 soldados com ulceras no penis. Em 65 d'estes foi necessario recorrer aos preparados mercuriaes, porque as ulceras não manifestavam tendencia para a cicatrização, appresentando symptomas secundarios 96, 42 dos quaes so poderam curar-se com tractamento mercurial. Por esta occasião applicaram tambem o mercurio a 2827 doentes, 71 dos quaes offereceram symptomas geraes. Fricke, em fim, ensaiou o tractamento mercurial durante desoito mezes e meio no homem, e, num segundo periodo, recorreu a outro tractamento, em que não figurava o mercurio, e que durou vinte

e nove mezes e meio para o homem, e vinte e seis mezes para a mulher. D'estas observações colligiu, que, no primeiro caso, os symptomas foram mais graves, resistiram mais tempo, e recidivaram mais vezes e com maior intensidade. Mais tarde declarou que suas ultteriores observações confirmavam os primeiros ensaios. O tractamento, seguido por Fricke, consistiu principalmente em limpeza, repouso, regimen dietetico, e uso de meios anti-phlogisticos.

Cumpra agora observar, que, na estatistica de Rose, os accidentes consecutivos figuram na proporção d'um para tres, que é, na opinião de Diday e outros syphilographos, a relação de frequencia, que existe entre o cancro infectante e o cancro simples. Alem d'isto, Henri Lee diz, que Rose não obtivera resultados satisfatorios do tractamento simples, seguido nos officiaes do regimento a que pertenciam os doentes submettidos ás suas experiencias, e Brodie, que foi testemunha d'estas, declara que elle, em sua clinica particular, recorria ao mercurio, e encontrava, de ordinario, grandes difficuldades, quasi sempre quando não usava d'este medicamento.

A estatistica de Guthrie deve ter-se como incompleta, pois que elle proprio confessa não lhe ter sido possivel seguir os doentes, muito tempo depois de sua sahida do hospital.

Os symptomas constitucionaes, observados por Thompson, apresentaram-se especialmente nos doentes, cujos cancos tiveram longa duração, e deixaram uma cicatriz com endurecimento.

Hill assevera que muitas das úlceras não eram syphiliticas.

As estatisticas, apresentadas por Mac Grégor e Franklin, não nos parecem tambem concludentes, porque, alem de outras razões, diz-se que o cancro infectante foi muito mais frequente nos doentes, que foram tractados pelo mercurio.

É tambem possivel, que grande parte das asserções de Fricke proceda da maior gravidade da syphilis em muitos dos casos, em que se empregou o mercurio. Póde ser que Fricke, num dado periodo, observasse maior número de casos de syphilis grave, e, por ésta razão, presenciasse, so quando applicou o mercurio, accidentes, que não são frequentes nos casos de syphilis pouco intensa.

Alguns medicos suecos concluíram de seus ensaios, que as recidivas são mais frequentes depois do tractamento mercurial, do que em seguida ao tractamento simples. Porém, Rollet (a), que apreciou as estatisticas d'elles, afirma que, no primeiro caso, quasi todos os doentes tinham accidentes constitucionaes, em quanto que no segundo appresentavam, geralmente, vegetações, blennorrhagias, ou cancros simples.

A variedade de relação entre o cancro simples e o infectante, e a falta de observação dos doentes, sufficientemente prolongada, são talvez a causa das differenças nos resultados das diversas estatisticas. Éstas differentes considerações poderão, em parte, explicar como, no mesmo paiz, practi-

(a) Recherches clin. et expériment. sur la syphilis, le chancre simple et la blennorrhagie, 1862, pag. 20.

cos igualmente respeitaveis preconizam o tractamento mercurial, ou exaltam o tractamento sem mercurio.

Conforme Rollet, é certo que o tractamento simples, acolhido ao principio com enthusiasmo por muitos medicos inglezes, perdeu depois a maior parte de seus adeptos, por se convencerem, que o mercurio é o medicamento mais digno de confiança, e que possui no maior grau o poder de prevenir os accidentes consecutivos da syphilis, como especialmente asseveram S. Cooper e Wallace. A maior parte dos practicos, que defendem a preeminencia do tractamento simples, reconhecem, em muitos casos, a difficuldade de obter a cura, sem o emprêgo do mercurio. Com effeito, Thompson, Mac Grêgor e Franklin, recorriam com vantagem ao mercurio, quando a cicatrizaçãõ se demorava. Jourdan aconselha-o nos casos de insufficiencia dos outros meios; e Desruelles, um dos que mais trabalhou em defender o tractamento simples, confessou, em 1836, a utilidade do mercurio em muitos accidentes consecutivos, e, em 1840, reconheceu sua vantagem em muitos casos de accidentes primitivos. O proprio Fricke, finalmente, considera este medicamento como um agente importante em alguns casos de syphilis.

Diday, que circumscreve muito a area da applicaçãõ do mercurio, infere de suas observações, que este agente não evita as recidivas, e que, applicado nos accidentes primitivos, não previne os accidentes secundarios, nem modifica, no máximo número de casos, pelo menos, a sua intensidade. O mesmo auctor, fazendo distincçãõ entre *syphilis forte*, e *syphilis fraca*, considera ésta como curavel sempre sem o

emprego do mercúrio, que elle limita exclusivamente aos casos de *syphilis forte*. Neste caso, elle (a) não duvida da necessidade do mercúrio, e approva a sua applicação, desde que o accidente primitivo se mostre bem caracterizado (b).

Contrariamente a Diday, Rollet (c) affirma, que o mercúrio cura radicalmente o cancro infectante recente, e que, sendo applicado tarde, os accidentes secundarios, se apparecem, são mais benignos, e cedem mais facilmente ao tractamento.

Isto parece mais conforme á theoria. De feito, parecendo facto averiguado, que o mercúrio opéra como agente heroico nos casos de *syphilis* intensa, facil é conceber que o mesmo medicamento utilise na *syphilis* pouco intensa, e até nos accidentes primitivos. Para a maior parte dos medicos portuguezes, e dos demais paizes da Europa, o mercúrio é tambem considerado como o medicamento mais heroico, que se oppõe, pelo menos, aos accidentes secundarios da *syphilis*. Póde, pois, asseverar-se, que os documentos, até hoje publicados, não são sufficientes para demonstrarem preeminencia no tractamento simples sôbre o tractamento mercurial. Apesar d'isto, é forçoso reconhecer a necessidade de apreciações mais rigorosas, para dissipar as dissidencias, que, na actualidade, separam os practicos num ponto de tanta importancia.

Com o intuito de subtrahir os doentes syphiliticos aos

(a) Hist. nat. de la syphilis, 1863, pag 148.

(b) Obra cit. pag. 189.

(c) Recherches clin. et expériment. sur la syphilis, le chancre simple et la blennorrhagie, 1862, pag. 591.

accidentes mercuriaes, tem-se tentado nas differentes epochas a substituição do mercurio. São tantos os medicamentos, a que se attribuiram propriedades anti-syphiliticas, que seria inutil, e quasi impossivel, a sua enumeração. Portanto, apenas alguns dos principaes merecerão nossa attenção.

Os meios empregados até 1514 eram inuteis, como nol-o diz Astruc, e se deduz das expressões de Fallopio. O descredito do mercurio, depois, fez com que em 1517 se abraçasse com enthusiasmo, na Europa, o guaiaco, que era tido como meio inoffensivo, e ao mesmo tempo efficaz, na syphilis. As mesmas virtudes se attribuiram, passado pouco tempo, aos outros lenhos sudorificos. Hoje, fraco poder anti-syphilitico se suppõe nestes medicamentos, considerando-se aliás importantes meios auxiliares do tractamento mercurial.

Os preparados de arsenico e de platina são agentes perigosos, e não merecem a denominação de anti-syphiliticos.

Os derivados da prata, a que Serrès attribuiu notavel poder anti-syphilitico, não produziram algum resultado nas experiencias de Biett e Cazenave, e Ricord sómente presenciou accidentes, em seguida ao seu emprêgo.

Os derivados do ouro tem sido igualmente reputados como exercendo acção curativa na syphilis. É isto devido especialmente aos trabalhos de Chrestien, Niel, Gozzi, e sôbre tudo, de Legrand. No entanto, o chlorureto e cyanureto d'ouro, dos quaes se tem feito mais uso, foram empregados por Ricord, sem vantagem apreciavel, nos accidentes primitivos e secundarios. Biett, Cazenave e Cullerier, não obtiveram melhores resultados de suas experien-

eias; e Lagneau (a) só os suppõe capazes de alguns effeitos, em circumstancias muito excepcionaes. Ricord, porém, experimentou a amalgama d'ouro, e pareceu-lhe algumas vezes vantajosa esta applicação. Concluíram alguns médicos dos resultados observados, que o ouro tem a propriedade de corrigir a acção nociva do mercurio, sem se oppôr á manifestação do podêr anti-syphilitico d'este agente. É possível que o ouro seja competente para debellar alguns accidentes da syphilis, ou que, associado ao mercurio, attenuê, em parte, a influencia nociva d'este agente sôbre a economia. Todavia, a falta de accôrdo nos practicos, e a escassez de ensaios feitos com os derivados d'este metal, persuadem-nos da necessidade de repetir estas experiencias, de que pôde resultar proveito para a therapeutica da syphilis.

O ouro é um agente energico, que exige o maior cuidado e vigilancia em sua applicação.

É occasião de fallar d'um medicamento, que, desde sua descoberta até hoje, sempre tem merecido a consideração de todos os medicos no tractamento da syphilis. Wallace, introduzindo o iodureto de potassio, em 1832, na therapeutica da syphilis, fez conhecer, em grande parte, os serviços que o iodo pôde prestar a esta molestia, e resolveu assim a questão de acção, suscitada pelo iodureto de mercurio, de que ja anteriormente se fazia uso: Trousseau, em 1835, fez numerosos ensaios com este medicamento, e Ricord, mais tarde, repetindo extensamente estas experiencias, muito concorreu para se determinarem seus effeitos curativos nos accidentes syphiliticos.

(a) Répertoire général des sciences médicales, art. syphilis, pag. 275.

O iodureto de potassio, no pensar d'alguns syphilographos, é o agente que combate mais energicamente os prodromos do periodo secundario. Effectivamente, Diday (a) affirma, que este medicamento produz, em poucos dias, este resultado, o qual apenas deixára de observar em raros casos de syphilis extremamente grave. Mas, então mesmo, continúa Diday, se o iodo não allivia, nenhum medicamento é mais efficaz do que elle. Segundo o mesmo auctor, o iodo modifica o estado chloro-anemico e os symptomas que d'elle dependem, sem influenciar os accidentes verdadeiramente syphiliticos; e o mercurio opéra sóbre estes, aggravando frequentemente os primeiros. Mas entende Robert, que o mercurio, so, ou, havendo indicação, associado ao ferro, é mais util do que o iodureto de potassio. Ainda que os principios não fôsem favoraveis ao modo de vêr de Diday, a convicção, com que o habil syphilographo expõe sua opinião, seria motivo para devermos ensaiar com confiança os preparados iodados, que poderão talvez substituir, as mais das vezes, o mercurio, no tractamento dos accidentes do periodo prodromico.

O mesmo medicamento é, na opinião de Ricord, e, hoje, na de quasi todos os praticos, o agente curativo por excellencia dos accidentes terciarios.

Os tumores gommosos sub-cutaneos, e sub-mucosos, que, antes do emprêgo do iodureto de potassio, eram destruidos pelos causticos, ou extrahidos pelo bisturi, desapparecem quasi sempre com facilidade pela administração d'este

(a) Hist. nat. de la syphilis, pag. 100.

medicamento (a). As exostoses, periostoses, e, em geral, os accidentes terciarios da syphilis, são profundamente modificados pelo mesmo agente. As dores osteocopas, produzidas pelo virus syphilitico, são o symptoma que o iodureto de potassio parece combater mais seguramente. Infelizmente porém, o allivio e a cessação das dores são apenas temporarios e mais ou menos longos, como acontece aos demais accidentes, segundo assevera Virchow, Diday, e a maior parte dos practicos reconhecem. «O iodo, diz Diday, é um admiravel palliativo, mas não passa de palliativo. A cura dos accidentes terciarios, se é possivel, apenas poderá conseguir-se pela refórma, radical e duradoura, da alimentação, pela mudança de residencia, e algumas vezes de profissão, e, emfim, por uma transformação em todos os habitos sociaes e moraes. Nisto somente está o segredo e a esperança da extineção da molestia» (b). O mercurio, ao contrário, é quasi sempre inefficaz nestes accidentes. Contudo, é factó observado que o tractamento mercurial faz desaparecer alguns accidentes terciarios, que resistiram ao iodureto de potassio, do mesmo modo que este tem aproveitado em certas ulceras da mucosa, especialmente da pharinge, e em varios accidentes secundarios, que o mercurio não pôde debellar.

Alguns practicos recorrem tambem a elle, em seguida ao iodureto de potassio, por pensarem que a ausencia dos symptomas é então mais persistente.

Medicos ha, que consideram o iodureto de potassio de

(a) Robert, Nouveau traité des maladies vénériennes, 1861, pag. 740.

(b) Diday, Hist. nat. de la syphilis, pag. 235.

maior vantagem 'naquelles doentes, que têm sido tractados, longo tempo, pelos preparados mercuriaes. Bouchardat suppõe provavel, que a proficuidade d'este medicamento, em tal caso, proceda do iodureto duplo de mercurio e potassio, que é muito soluvel e activo, e se fórma dentro da economia, quando o iodureto de potassio encontra as preparações mercuriaes insoluveis, que ficam, por algum tempo, no interior dos tecidos. Se o facto for verdadeiro, o que não julgámos demonstrado, não repugnaria acceitar, ao menos em parte, ésta explicação, porque é possível que os effeitos curativos sejam devidos á acção combinada do iodureto de potassio e do iodo-hydrargirato de potassio.

No entanto, o iodureto de potassio, dando lugar áquella reacção e imprimindo certa actividade nos phenomenos nutritivos, pôde, contribuindo para a eliminação do mercurio, que por ventura esteja accumulado nos órgãos, collocar o organismo em condições mais propicias para realizar sua acção.

É outra maneira, e talvez mais provavel, de explicar o facto.

Com a administração do iodureto de potassio no interior, a circulação accelera-se, a temperatura da pelle augmenta, o appetite torna-se mais vivo, e as funcções digestivas effectuam-se com mais facilidade. Podem tambem manifestar-se accidentes na pelle, no apparelho digestivo, no systema nervoso e 'noutros órgãos importantes da economia, mas não é isto motivo para empregar o iodureto de potassio com os exaggerados receios de Coindet.

Portanto, o iodureto de potassio, está longe de ser um

verdadeiro succedaneo do mercurio no tractamento da syphilis. O mercurio, é o medicamento que combate mais energica, e mais seguramente, os accidentes secundarios, e muito provavelmente, os primitivos. O iodureto de potassio, ao contrario, tendo pouca influencia sobre estes accidentes, manifesta sua mais poderosa acção nos accidentes terciarios, quasi sempre refractarios ao mercurio.

Não podendo, pois, contestar-se, que o mercurio é o anti-syphilitico por excellencia, e asseverando-nos Trousseau e Pidoux (a) que o tractamento mercurial, conduzido com methodo e prudencia, nunca tem inconvenientes, não encontrámos fundamento para banir dos meios de tractamento da syphilis um medicamento de tanta importancia. So nos parece justificavel a exclusão do tractamento mercurial d'aquelles casos, em que é quasi certo não se desinvolverem accidentes secundarios, ou serem estes de tal modo benignos, que possa esperar-se, com alguma segurança, a cura espontanea, e realisavel em pouco tempo. Fóra d'isto, não vemos, com Trousseau e Pidoux (b), motivo para deixar de tomar uma précaução, cuja omissão pôde ser fatal. Indicando as condições da parte da molestia, que considerámos como as que devem restringir o emprêgo do mercurio, não é nosso pensar que a elle se deva recorrer, sem attenção a outras considerações. A oportunidade do tractamento mercurial deve subordinar-se, em nosso ver, ao estado da constituição do doente, á idade, ao sexo e outras condições individuaes, á sua condição social, e até mesmo

(a) Traité de Thérapeutique, tom. 1.^o, pag. 212.

(b) Obra cit. pag. 212.

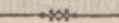
á sua disposição a submeter-se ás prescripções hygienicas exigidas, e, em fim, á estação e condições atmosphericas actuaes. Deduzir da apreciação d'estes elementos a indicação do mercurio, e harmonisar com elles, e com o grau de intensidade da molestia, a energia e duração d'este tractamento, é o preceito que o practico deve invariavelmente observar, sem perder nunca de vista os effeitos operados na economia, como guia necessaria da sua conducta ulterior. Porém, se d'este exame resultar o conhecimento de contra-indicação á applicação do mercurio, preciso é recorrer a outros meios, que, não podendo deixar de estar em harmonia com o estado geral do doente, e com as condições locaes das diversas manifestações morbidas, devem necessariamente variar. A rigorosa observancia das regras da hygiene, e o uso d'uma alimentação restaurante, combinada com meios pharmacologicos, essencialmente reconstituintes, dão, comtudo, a fórmula mais geral do tractamento, que importa seguir, no maior número de casos, em que o mercurio não deve ser empregado.

Bem longe de ousar-mos marcar verdadeiras raias entre as indicações do mercurio e do iodureto de potassio, entendemos que, na falta de contra-indicação, convirá empregar um, quando o outro se tenha ja mostrado insufficiente, e recorrer a ambos, se existem as duas ordens de accidentes, sôbre que cada um dirige mais especialmente sua acção. Empregar tambem os derivados do ouro em accidentes, que tenham resistido a estes medicamentos, é seguir uma practica confôrme á razão, e justificada pela observação d'alguns medicos.

Aqui, como sempre, convem recordar a grande lei therapeutica, de que não ha medicamento, por melhor que seja, que produza os mesmos resultados em todos os individuos, e que é necessario saber recorrer até aquelles, que, so por excepção, utilisam.

Muitas das manifestações locaes da syphilis desapparecem com o tractamento interno. Os topicos, porém, podem favorecer a cura, e são, em alguns casos, necessarios. Os causticos prestam, em certas condições, um auxilio importante, e, então, os preparados mercuriaes causticos, poderão ás vezes convir. O mercurio, em unguento, pomada e emplasto, tem sido empregado em alguns accidentes secundarios e terciarios, onde, em alguns casos, parece terem produzido resultados mais promptos do que qualquer outro medicamento é capaz. No entanto estas applicações devem fazer-se com grande circumspecção, e so em casos rastos.

Do que deixámos escripto parece-nos dever concluir-se, que o mercurio representa, no tractamento das molestias syphiliticas, um papel, que nenhum outro medicamento pôde vantajosamente supprir.



ERRATAS

✓ Pag. 23, linh. 14, *recidivar*, lêde *recidivar com regularidade*.—Pag. 30, linh. 23, *Recherche*, lêde *Recherches*.—Pag. 31, linh. 26, *Recherche*, lêde *Recherches*.—Pag. 32, linh. 7, *Erans*, lêde *Evans*. Pag. 44, linh. 11, *erythma*, lêde *erythema*.—Pag. 53, linh. 27, *organicos*, lêde *organicos e inorganicos*.—Pag. 61, linh. 14, *a dos*, lêde *as dos*.—Pag. 68, linh. 12, *do sensação*, lêde *da sensação*.—Pag. 78, linh. 16, *sa*, lêde *so*.—*Ib.*, linh. 7, *prescripção*, lêde *proscripção*.—Pag. 86, linh. 1, *intimas*, lêde *intimas*.—*Ib.*, linh. 14, *homeopathica*, lêde *homoeopathica*.—Pag. 91, linh. 12, *feito lêdo feito*.—Pag. 93, linh. 20, *do tractamento*, lêde *de tractamento*.—Pag. 94, linh. 14, *consecutivos* lêde *consecutivos*.

